

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS

MATHEUS BOLSON ARNOLD

O ORIENTALISMO DE UM ORIENTALISTA:  
UMA ANÁLISE SOBRE A OBRA *THE MONKS OF KUBLAI KHAN EMPEROR OF  
CHINA* (1928)

Porto Alegre

2021

**MATHEUS BOLSON ARNOLD**

O ORIENTALISMO DE UM ORIENTALISTA:  
UMA ANÁLISE SOBRE A OBRA *THE MONKS OF KUBLAI KHAN EMPEROR OF  
CHINA* (1928)

Trabalho de conclusão apresentado como  
requisito obrigatório para a obtenção do título de  
Bacharel em História.

Orientador: Prof. Dr. Igor S. Teixeira (UFRGS)

**Porto Alegre**

**2021**

## CIP - Catalogação na Publicação

Arnold, Matheus Bolson  
O ORIENTALISMO DE UM ORIENTALISTA: UMA ANÁLISE  
SOBRE A OBRA THE MONKS OF KUBLAI KHAN EMPEROR OF CHINA  
(1928) / Matheus Bolson Arnold. -- 2021.  
66 f.  
Orientador: Igor Salomão Teixeira.

Trabalho de conclusão de curso (Graduação) --  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto  
de Filosofia e Ciências Humanas, Bacharelado em  
História, Porto Alegre, BR-RS, 2021.

1. Orientalismo. 2. Relatos de viagem. 3.  
Traduções. I. Teixeira, Igor Salomão, orient. II.  
Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica da UFRGS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

**MATHEUS BOLSON ARNOLD**

**O ORIENTALISMO DE UM ORIENTALISTA:  
UMA ANÁLISE SOBRE A OBRA *THE MONKS OF KUBLAI KHAN EMPEROR OF  
CHINA*(1928)**

Trabalho de conclusão apresentado como requisito  
obrigatório para a obtenção do título de bacharel em  
história

Orientador: Prof. Dr. Igor S. Teixeira (UFRGS)

Aprovado em: Porto Alegre, 30 de novembro de 2021.

BANCA EXAMINADORA:

---

Prof. Dr. Igor Salomão Teixeira – Orientador  
UFRGS

---

Prof. Dr. José Rivair Macedo  
UFRGS

---

Prof. Dr. Fernando Ponzi Ferrari  
UFRGS

## **Agradecimentos**

É possível que eu tenha gasto todas as palavras escrevendo esse texto, não por isso eu deixarei de agradecer aqueles que estiveram do meu lado.

Aos meus pais Tânia e Rolf, que com todas as dificuldades sempre me apoiaram e me ajudaram a persistir estudando todos esses anos. As incontáveis caronas e as diversas faltas no trabalho que nunca foram problema, desde que eu persistisse no meu objetivo mor. Os milhares de quilômetros de percurso e as inúmeras horas de viagem serão recompensados com juros.

Aos meus amigos Janaína, Heloísa e Matheus (em ordem alfabética pra não ter briga) que também sempre me apoiaram e reclamavam as minhas faltas em reuniões do grupo, mas que sempre entendiam quando tinha que ficar um final de semana trancafiado fazendo um trabalho atrasado.

Aos queridos colegas de curso: Lenander, Gustavo, Cristian e Rafael. Permanentes apoiadores e incentivadores, quando as autocríticas superavam qualquer avaliação negativa dos professores, sempre estavam perto para me levantar e encorajar. Que a rotina de filmes com o grupo volte logo.

Por último, mas não menos importante, meu orientador professor Igor Salomão Teixeira (professor do Departamento de História/ UFRGS), por toda a paciência e atenção no decorrer deste trabalho. Sem ele essa obra seria não mais do que um amontoado de informações desconexas. Gostaria também de agradecer a banca, composta pelos professores José Rivair Macedo (professor do Departamento de História/ UFRGS) e Fernando Ferrari (Doutor em história/ UFRGS)

A todos aqueles que não foram citados, mas que fazem parte da minha vida, um muito obrigado.

**Resumo:**

O presente trabalho de conclusão tem como objetivo analisar a obra *The Monks of Kublai Khan Emperor of China*, de Sir Wallis Budge, escrita em 1928 usando preceitos do orientalismo no contexto dos séculos XIX e XX. A base teórica e metodológica neste TCC foi feita com através das discussões entre Edward Said e Robert Irwin sobre o conceito de Orientalismo, assim como a contribuição de autores que versam sobre relatos de viagem e estudos orientalistas. O problema de pesquisa analisado é: que tipo de orientalista era Wallis Budge? A partir da obra de Budge conhecemos as histórias de Rabban Marcos (Yahballaha III) e Sawma, dois monges nascidos na região da atual China no século XIII, que se tornaram emissários dos Khans mongóis pela Ásia e Europa. O presente trabalho está dividido em 3 capítulos que versam sobre o conceito de orientalismo, o trabalho do autor e o trato dado por ele à história dos monges, respectivamente. Examinamos as tendências seguidas por Budge em sua obra tanto na história dos seus personagens viajantes, como no oriente como um todo.

**Palavras Chave:** Orientalismo, Nestorianismo, Relatos de Viagem, Traduções

**Abstract:**

The present monography aims to analyze the book *The Monks of Emperor Kublai Khan of China*, by Sir Wallis Budge, written in 1928 using Orientalist precepts in the context of the 19th and 20th centuries. The theoretical and methodological basis for this monography was based on occurrences between Edward Said and Robert Irwin about the concept of Orientalism, as well as a contribution from authors who deal with travel reports and Orientalist studies. The research problem analyzed is: what kind of orientalist was Wallis Budge? From Budge's work we know the stories of Rabban Marcos (Yahballaha III) and Sawma, two 13th-century Chinese monks who became emissaries of Mongolian Khans throughout Asia and Europe. The present work is divided into 3 chapters that deal with the concept of orientalism, the author's work and the treatment given by him to the history of the monks, respectively. I examine the trends followed by Budge in his work both in the history of his traveling characters and in the Orient as a whole.

**Key words:** Orientalism, Nestorianism, Travel Reports, Translations

## Índice:

<b>Introdução</b> .....	<b>9</b>
<b>Capítulo 1</b> De qual oriente os orientalistas falavam .....	<b>14</b>
• 1.1 Diferentes visões conceituais .....	<b>14</b>
• 1.2 As transformações do Orientalismo .....	<b>17</b>
• 1.3 O Orientalismo Inglês.....	<b>27</b>
<b>Capítulo 2</b> Quem era Sir Wallis Budge? .....	<b>31</b>
• 2.1 O trabalho de Budge .....	<b>31</b>
• 2.2 Sobre a origem do documento e traduções .....	<b>32</b>
• 2.3 As origens do Nestorianismo .....	<b>35</b>
• 2.4 Expansão do dogma e novos centros religiosos .....	<b>41</b>
• 2.5 Problemas e declínio do cristianismo na Ásia Central e China.....	<b>43</b>
<b>Capítulo 3</b> A vida de Marcos (Yahbh-Allaha) e Rabban Sawma .....	<b>45</b>
• 3.1 Do nascimento ao monastério .....	<b>45</b>
• 3.2 Dos desejos dos monges e da partida .....	<b>46</b>
• 3.3 As viagens de Rabban Bar Sawma .....	<b>54</b>
• 3.4 O Patriarcado de Mar Yahbh-Allaha .....	<b>56</b>
<b>Conclusão</b> .....	<b>62</b>
<b>Referências bibliográficas</b> .....	<b>65</b>

## Introdução

A curiosidade move todos os historiadores e todas as historiadoras, em especial, aqueles(as) que buscam um projeto novo ou uma temática para a realização de um trabalho. Essa curiosidade pode levar a caminhos tortuosos e sem um fim evidente à frente, ou pode acabar nos guiando mesmo nos mais vastos temas. Essa vontade de fazer algo novo ou pouco conhecido foi um dos motivos que me motivou a estudar algo que é trabalhado poucas vezes durante a graduação: o Oriente.

Através dos estudos realizados sobre o “outro” lado, em disciplinas como História Antiga II ou História da Idade Média do Oriente, deparo-me com a realidade de que, mesmo existindo disciplinas que se voltam para os estudos do oriente, ainda há uma falta de estudos e/ou especialistas nesta área que tem uma história riquíssima. Foi através de um livro que versa justamente sobre um dos pilares do “mundo oriental” que me deparei com o relato de dois viajantes (dentre os milhares que foram ou não relatados) que, saindo da China, atravessaram toda a chamada Rota da Seda<sup>1</sup>, enquanto faziam trabalhos diplomáticos e religiosos no século XIII.

O livro *Os Viajantes Medievais da Rota da Seda*, organizado pelo professor José Rivair Macedo, foi adquirido por mim há alguns anos e é aqui usado como ponto de partida para o trabalho que apresento. As histórias de grandes mercadores e viajantes como Marco Polo e Ibn Battuta<sup>2</sup>, têm capítulos específicos neste livro, mas foi na introdução que descobri as histórias de Marcos e Sawma, os monges que viviam sob o domínio mongol, na região da atual China:

Bem menos conhecidos, os monges cristãos nestorianos Rabban Shawma e Marcos (que depois virá a ser eleito patriarca dos cristãos orientais com o nome de Mar Yahballaha III), ambos nascidos em Pequim, realizaram a verdadeira façanha de empreender uma peregrinação até Jerusalém em 1280-1281, passando antes pela

1 Termo cunhado provavelmente pela primeira vez em 1877, pelo geógrafo alemão Von Rischthofen. Ver introdução de Rivair em *Os Viajantes Medievais da Rota da Seda* Porto Alegre: EDUFRGS, 2011. Pg. 10

2 Ver Paulo Irineu Cichelero, Cario Luciano Balbinot e Caroline Acco Baseggio em *Os Viajantes Medievais da Rota da Seda*. Porto Alegre: EDUFRGS, 2011.

Pérsia mongol governada pelos Iljhans Adaqa (morto em 1282) e Arghum (1284-1293). Como embaixadores deste último é que ambos foram encarregados de, após passar por Jerusalém, dirigir-se à cristandade latina, junto ao papa e aos reis da França e da Inglaterra, para estabelecer uma provável aliança entre mongóis e cristãos contra os muçulmanos. (RIVAIR, 2011, página 16) <sup>3</sup>

Foi então que resolvi ir atrás de mais bibliografia sobre o tema e, me deparando com um livro sobre o assunto do começo do século XIX, optei a trabalhar o livro em si como fonte de estudo e pesquisa. Elaborar um trabalho referente aos viajantes propriamente ditos seria impossível dadas todas as limitações linguísticas e de fontes escassas. Optei, portanto, estudar o historiador que pesquisou sobre eles.

Trata-se da obra *The Monks of Kublan Khan Emperor of China* do autor inglês E. A. Wallis Budge. Este livro apresenta tanto o assunto pelo qual me interessei no primeiro momento, como também tem um papel fundamental para entender o interesse de autores ocidentais do final do XIX e início XX. A ideia de se ter ocidentais estudando sobre o oriente não era nova e nem deixará de ser.

O fascínio que tive em saber mais sobre esses monges parece ter sido o mesmo que Budge teve ao traduzir do sírio para o inglês a vida dessas personagens. Para entender esse “fascínio” pelo Oriente, é ideal usar como base o termo e a obra cunhada por Edward Said, *Orientalismo*, na qual o autor trata das diferentes formas que o Ocidente encontrou para tratar o “outro lado”<sup>4</sup>, de diversas maneiras e com diversos objetivos.

Segundo Said existem três tipos de orientalistas. Os acadêmicos, que resumidamente tratam daqueles que ensinam, escrevem ou pesquisam sobre o oriente.<sup>5</sup> Existe o “orientalista imaginativo” <sup>6</sup>, aquele que realiza trabalhos de arte

<sup>3</sup> MACEDO. 2011, p 16

<sup>4</sup> Importante notar que o autor, apesar de se dedicar em mostrar a dinâmica de oposição de dois polos, Ocidente e Oriente, feita por muitos autores anteriormente, também peca ao ignorar a composição global com outras entidades como as Africanas, Americanas e Oceânicas.

<sup>5</sup> “Qualquer um que dê aulas, escreva ou pesquise sobre o oriente – e isso é válido seja a pessoa antropóloga, socióloga, historiadora ou filóloga –, nos aspectos específico ou geral, é um orientalista, e aquilo que ele ou ela faz é orientalismo.” SAID, Edward. *Orientalismo*, p 14

<sup>6</sup> ASSUNÇÃO. 2018 p. 53

(romances, pinturas, filosofias) contrapondo ou tentando imaginar o que seria o Oriente. A última faceta do Orientalismo, dá-se então, em um momento um pouco mais definido, com seu início por volta do final do século XVIII<sup>7</sup>, quando, por interesses políticos e econômicos, a Europa ocidental passou a tratar seus vizinhos – tanto os próximos quanto os distantes – como clientes ou fornecedores (de matéria prima ou mão-de-obra), de maneira em que negociações comerciais poderiam se tornar negociações de identidade.

Se Sir Wallis Budge usou do orientalismo de maneira “positiva” ou “negativa”<sup>8</sup> é necessário estudar sua obra com cuidado e cautela. Existe uma discussão metodológica em torno de sua obra e suas implicações após a publicação de Said na década de 1970. A obra é entendida por alguns críticos como generalista. Um dos principais autores que escreveram sobre esse tema após Said foi Robert Irwin. Ele, em seu livro *Pelo Amor ao Saber*, analisa alguns autores ignorados por Said, assim como uma nova visão de alguns criticados pelo seu antecessor.<sup>9</sup>

A análise da obra de Budge a partir dessas reflexões sobre o Orientalismo deu origem a esse trabalho. Se existe mais de um Orientalismo, tentei esmiuçar, portanto, qual orientalista seria Wallis Budge. A utilização desse tema trará a possibilidade de um estudo em duas vertentes: I) O orientalismo presente em obras de autores ocidentais II) o tratamento dado pelo autor à obra que ele traduziria para o público ocidental no começo do XX.

O trabalho está dividido em três capítulos. O primeiro é o de busca por um histórico do orientalismo. O ponto de origem foi aquele estipulado por Said, para o século XVIII. A partir disso, busquei identificar o surgimento dos ditos orientalistas na Europa. Pude encontrar exemplos desses estudiosos de diferentes “vertentes” que

7 Período que o próprio Said trata com cuidado, por não haver uma data definida, dado que a ideia desse orientalismo é identificada por meio das relações e não de maneira acadêmica.

8 A ambivalência do Orientalismo se dá pois, segundo o autor, existem orientalistas que se usam dos seus estudos para embasarem teorias xenofóbicas ou estereotipadas do oriente, ao mesmo tempo em que existem intelectuais que tratam os estudos orientais como forma de enaltecer esse mesmo oriente, ou mostrar que as diferenças entre “eles” e “nós” são infundadas.

9 IRWIN, Robert, *Pelo Amor ao Saber, Os Orientalistas e seus inimigos*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008

começaram a se formar a partir do século XVIII. Foram analisadas as possíveis diferentes motivações de alguns desses autores identificados, assim como o que os faziam ser classificados como orientalistas. Essa estratégia ajuda a entender os rumos que os estudos tomaram até chegar no século XX. Observei o contexto em que o autor escreveu e, no caso do nosso autor principal, o contexto é o do imperialismo europeu do final do XIX e começo do XX.

O segundo capítulo em Sir Ernest Alfred Thompson Wallis Budge, o orientalista inglês e autor do livro que trata dos monges citados anteriormente. Faço um pequeno resumo de sua carreira e dedicação ao Oriente em seus estudos e pesquisas, que são, em sua maioria, sobre o Egito e Mesopotâmia. Além disso, busco elucidar o tratamento que o autor dá a história do Oriente ao tratar dos assuntos que permeiam a história dos monges. Capítulos sobre a religião cristã no Oriente Próximo e no Extremo Leste asiático, formação do império mongol, e a criação do nestorianismo são alguns dos pontos que o autor aborda antes de tratar da tradução propriamente dita.

O terceiro é um capítulo dedicado a análise da vida dos monges, assim como o tratamento dado por Budge ao relatar essa história e esta tradução. Veremos como o autor recorre a diversas fontes a fim de embasar as informações que constam em sua introdução. Outros autores contemporâneos, biografias feitas por religiosos e até mesmo Marco Polo servem como pano de fundo para sua obra. Antes mesmo da tradução se iniciar é possível perceber o processo de estudo acadêmico da época para aqueles orientalistas, que dedicavam parte considerável de seu tempo com documentos antigos, recorrendo uns aos outros atrás de fontes materiais para essas traduções. Uma vez na tradução, conferiremos a história dos dois monges, Marcos e Sawma. A biografia dessas personagens conta com uma mistura de relato de viagem e leitura bíblica, ao tratar das dificuldades como provas de resiliência e fé dos viajantes. Dá também um parâmetro político e diplomático para os religiosos, que cumpriam papel de fé e político.



## Capítulo 1 - De qual oriente os orientalistas falavam?

Através da análise de autores que estudaram sobre o orientalismo e suas vertentes, irei, nesse capítulo, examinar alguns dos orientalistas que, através dos séculos, ganharam renome e visibilidade. Para isso, tratei de buscar nas minhas fontes bibliográficas (Said, Irwin e Assunção), exemplos de orientalistas que foram importantes para a formação de cursos, cadeiras e acadêmias voltadas para o Oriente. Farei esse apanhado de autores desde o século XVIII até o início do XX, onde a minha fonte principal, Sir Wallis Budge, se encontra.

### 1.1 Diferentes propostas conceituais

A problematização da discussão conceitual sobre a ideia do orientalismo ganha ênfase com Said<sup>10</sup> em 1978 e foi amplamente debatida tanto por críticos como por adeptos<sup>11</sup>. É de extrema importância analisar tanto o que os orientalistas estudavam, quanto fazer uma reflexão sobre quais orientalistas os estudiosos do conceito selecionariam para suas teses. Não cabe aqui nos debruçarmos novamente sobre toda a discussão teórica do conceito irei, no entanto, expor algumas visões da mesma. Said e Irwin não eram opostos e nem alinhados. Assim como todos os outros que prestaram algum tipo de contribuição para agregar nessa discussão, possuíam em comum: seleção de autores e/ou questões para realizar suas análises.

A partir do momento em que se define esse ou aquele trabalho do passado como um exercício de um orientalista, se passa a apresentar uma ideia com base naqueles pensadores e suas obras. Os autores a quem Said dedicou sua investigação e análise fizeram sua obra ser o que foi, outros autores, como veremos, se pautaram

10 SAID, Edward. O Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente. 1978.

11 Naiara Assunção dedica alguns parágrafos no livro *Entre Ghawazee, Awalim e Khawals: viajantes inglesas da Era Vitoriana e a "Dança do Ventre"* para analisar esses embates conceituais entre Said e alguns outros atores que o sucederam.

em outros orientalistas para elaborarem seus trabalhos. Essa seleção levaria os autores modernos a chegarem em diferentes conclusões, que não necessariamente são excludentes.

Em *Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente*, Edward Said, buscou exemplificar cada um dos seus ditos 3 tipos de orientalistas (acadêmico, imaginativo e histórico/material), mas, já em seu próximo trabalho *Cultura e Imperialismo*, publicado em 1993, Said usa exemplos diferentes para sua análise. Irwin busca outros autores do passado para embasar suas teses. A fim de incorporar uma “defesa” do Ocidente, ele procura autores orientalistas que poderiam contrapor as visões que Said classificava como negativas em certos estudiosos.

Análises desse tipo de debate intelectual, que também é político, não são novidades na historiografia. Para citar um exemplo mais próximo, a dissertação de mestrado de Naiara Assunção em *Entre Ghawazee, Awalín e Khawals: viajantes inglesas da Era Vitoriana e a "Dança do Ventre" (2016)* a mesma ressalta que, apesar de Irwin realizar um levantamento extenso (da Grécia antiga ao século XX), peca por um motivo bem simples: limita-se a analisar apenas o que homens diziam sobre o Oriente.

Como fica claro, seu orientalismo é exclusivamente masculino: em suas 377 páginas de descrições românticas dos valorosos trabalhos de intelectuais dedicados ao laborioso sacerdócio de tecer conhecimento profundo e relevante sobre o mundo oriental, nenhuma mulher é citada como representativa deste grupo (ou ao menos é digna de importância para constar no índice remissivo de 30 páginas). (ASSUNÇÃO, 2018, pg. 54-55)

Enquanto Irwin focava seus estudos em autores homens, Naiara buscou compreender as visões de mulheres inglesas na Era Vitoriana como um meio de captar o tratamento que as mesmas davam para essa dança “exótica” e para o local de onde a mesma surgiu. Se foram as inglesas que cunharam o nome dança do ventre como é popularmente conhecido por nós hoje, a discussão sobre o que seria esse *Oriente*, introduzida por Said a mais de 40 anos, permanece.

Busquei identificar informações nos textos, artigos ou livros que li, a fim de mapear orientalistas dos séculos XVIII ao início do XX e quais suas motivações gerais. A ideia não é exaltar todos aqueles que produziam conteúdo sobre aquilo que era estranho a vida de um Europeu, muito menos generalizar que todos aqueles que estudavam o não-ocidente eram necessariamente homens políticos interessados por controle e com sede de poder.

A questão referente ao domínio e a autoridade intelectual se dá desde os primeiros tempos das disputas intelectuais advindas do período da formação das colônias nas Américas (e desde antes em relação ao domínio sobre a África). O conhecimento, por mais rico que seja, também representa controle. Aquele que “mais sabe”, mais espaço domina. E aqui cabe comentar que não existe um sistema de comparação entre os conhecimentos de nativos ou de invasores (pacíficos ou não). Claro que dentro de seu próprio território o conhecimento sobre a região e a cultura dos povos originários seria muito maior do que homens recém chegados, a questão trata do controle sobre o espaço.

Esse espaço não é necessariamente geográfico, mas também político pois, a partir do momento em que se dá o controle cultural de uma civilização sobre a outra, mesmo que fora dos limites fronteiriços, se impõe um mecanismo rígido e hierarquizado.

A partir do momento da formação da Europa Moderna, com limites reconhecíveis e potências em ascensão, o controle estatal que antes se limitava ao interno por meio das diferentes classes, passaria agora a determinar os modos de funcionamento das colônias e também do tratamento que se dava a aliados políticos e econômicos. Se o controle das riquezas sacadas dessas colônias deveria ser de controle do estado “civilizado”, o conhecimento útil para o acadêmico de cátedra inglês, francês ou espanhol, deveria ser feito pelo próprio Europeu.

Sacando do primeiro dos segmentos do orientalismo de Said, os acadêmicos começaram a se voltar para o além-Europa a partir do século XVIII, mas sua trajetória não fora um caminho tão óbvio e organizado. Como diz Hobsbawm, em suas primeiras palavras em *A era das Revoluções* (1962) “*A primeira coisa a observar sobre o mundo*

na década de 1780 é que ele era ao mesmo tempo menor e muito maior do que o nosso” (HOBSBAWM, 1977, página 27)<sup>12</sup>. Para esse autor o mundo era considerado menor de maneira geográfica, pois os conhecimentos da população, inclusive entre os mais instruídos, eram limitados entre conhecer parte da Europa e os grandes centros e poucos chegavam a conhecer algumas regiões do Novo Mundo americano.

## 1.2 As transformações do/no Orientalismo

Os europeus, mesmo com sua visão eurocêntrica do globo, até deram indícios de que gostaria de conhecer mais do “fora” do seu continente natal, mas esbarraram em questões que vão além do querer. Por uma questão de “táticas coloniais”<sup>13</sup>, até o Novo Mundo estava fechado para o conhecimento dos acadêmicos europeus por um tempo. O medo de espionagem e influência externa, fazia com que diversas regiões do domínio colonial fossem “escondidas” do conhecimento geral. Localização de minas de prata e ouro eram tão escondidas que davam margem para a criação de mitos como o de El Dourado ou então as matas fechadas da selva amazônica que esconderiam um paraíso onde apenas mulheres guerreiras e exóticas viviam, as Amazonas.

“O relato não foi escrito principalmente como um relatório científico, mas como um gênero popular de literatura de sobrevivência. Ao lado de navegação, a literatura de sobrevivência está calcada em dois grandes temas, sofrimento e perigo em uma mão e maravilhas e curiosidades na outra”<sup>14</sup>

Os interesses econômicos, a busca por alianças (orgânicas ou forçadas), e a expansão do cristianismo levaria pessoas e organizações a moverem forças em busca

12 HOBSBAWM, Eric J. *A Era das Revoluções*. São Paulo: Paz e Terra, 2019

13 Discussão trazida por Mary Louise Pratt em *Os olhos do Império: relatos de viagem e transculturação*. Termo trata das limitações impostas de uma metrópole a outra dentro das colônias, afim de evitar o vazamento de informações referentes as riquezas destas colônias.

14 PRATT, 1992, página 20. Tradução livre de: “The account is written mainly not as a scientific report, but in the popular genre of survival literature. Alongside navigation, survival literature’s two great themes are hardship and danger on the one hand, and marvels and curiosities on the other.”

de estabelecer conexões entre esses “mundos”. A criação de mitos também catapultaria o interesse pelo diferente e “exótico” mundo lá fora, mas, em seu início, esse instinto de curiosidade parecia mais restrito aos acadêmicos mesmo.

E, se esse lado menos popular pode não ser tão apelativo, ele é o foco de nosso estudo para se analisar os orientalistas ou, pelo menos, os “estudiosos do fora”. Antes que se criasse algum tipo de centro de estudo do Oriente, biólogos, astrônomos, geógrafos, antropólogos e historiadores buscavam informações “sobre o desconhecido mundo lá fora”, para dividir (ou competir) com seus pares.

No ano de 1735, como relata Mary Pratt, duas experiências acadêmicas estavam em curso: uma focava no estudo e categorização de plantas conhecidas ou não pelos europeus, a outra, encaminhava-se uma expedição conjunta de vários países para se determinar a “exata forma do planeta”. Ambas missões eram de certo modo muito simples, o que não as tornava fáceis.

Essa segunda experiência tinha uma dualidade que viria a se tornar trivial na história europeia entre Inglaterra e França pois os princípios que buscavam definir a forma da terra eram bem representados em dois cientistas:

“Seria a terra uma esfera como Descartes (francês) geograficamente disse, ou seria, como Newton (inglês) hipotetizou, um esferoide plano nos polos? Essa seria uma questão fortemente influenciada pela rivalidade política entre França e Inglaterra.”<sup>15</sup>

Não que houvesse algum tipo de competição formal, mas caso houvesse, a primeira teria ganho.

Uma expedição fora organizada para se locomover à Lapônia na Finlândia para “medir um grau longitudinal no Meridiano”, enquanto que a outra deveria fazer um trabalho similar na América. Partindo do Equador (próximo a linha de mesmo nome), outra expedição foi iniciada pelo matemático Louis Godin, apesar de que, ao fim, levou o nome de outro desses exploradores (um dos poucos que sobreviveram), Charles de la Condamine. A expedição com tons de diplomacia entre países se deu graças a

15 PRATT, 1992, página 15. Tradução livre: “Was the Earth a sphere, as Cartesian (French) geography said, or was it, as (English) Newton had hypothesized, a spheroid flat at the poles? It was a question highly charged by the political rivalry between France and England.”

perda do controle parcial da Espanha sobre seus territórios com a iniciativa do governo britânico de assumir o tráfico de escravizados.

Uma vez que já não haveria como restringir expedicionários velhomundistas de adentrarem seus territórios na Nova Espanha, o monarca ibérico Filipe V optou por conceder permissões para que tais estudos fossem realizados. Não que fizesse muita diferença, visto que os resultados das viagens desses exploradores quase não se tornaram públicos, dada a grande dificuldade que os mesmos tiveram de se manterem vivos e em condições de voltarem a suas terras natais. Com base no que disse Pratt, a expedição La Condamine serviu como meio para tentar passar a imagem de “bom moço” por parte da Espanha, e pagar a lembrança da “crueldade hispânica”.<sup>16</sup>

Tendo como fonte Mary Pratt, é possível ver que, nessa expedição nos foram mostradas várias facetas do que seriam os “orientalistas” da época, mesmo se tratando do Ocidente, ainda sim é visto como fora do eixo. Enquanto que uns realmente tentavam exercer seu trabalho como estudiosos, havia aqueles que se interessavam pelo desconhecido a ponto de deixarem para trás suas origens e adotarem uma nova vida nesse mundo novo.

Ainda haviam aqueles que ignoravam completamente as duas primeiras opções e buscavam única e exclusivamente dinheiro, fama e prestígio. Alguns como La Condine escreviam sobre mistérios e anedotas. Outros, no entanto, focaram seu trabalho em uma obra mais técnica para o meio acadêmico, como é o caso de dois capitães espanhóis Juan e Ulloa que escreveram sobre a vida na colônia. Além disso, elaboraram um segundo “relatório” criticando a vida e o comportamento de alguns dos colonos diretamente para o rei espanhol.

Se pela metade do século XVIII, os estudos sobre o mundo além Europa eram uma desorganizados e dispersos, em 1795 foi fundado o que Irwin chama de “orientalismo moderno” (IRWIN, 2006, página 169)<sup>17</sup> encabeçado por Louis Mathieu Langlès e Silvestre de Sacy, sendo o segundo o principal personagem da época

<sup>16</sup> PRATT, pg.16

<sup>17</sup> IRWIN, Robert, *Pelo Amor ao Saber, Os Orientalistas e seus inimigos*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008

quanto aos estudos do oriente. Era dito “moderno” (segundo Irwin) pois, para além da curiosidade, fora criada a École Spéciale des Langues Orientales Vivantes, uma espécie de centro de conhecimento sobre as línguas orientais “vivas”, o que é contraditório visto que de Sacy apresentava interesse apenas em estudar línguas ditas mortas. A origem de seus estudos se dava justamente no campo linguístico, pouco relevando a cultura dos povos de onde arquivos e manuscritos antigos originavam.

Lidando inicialmente com o hebraico por conta de fortes influências religiosas de sua família, passou a estudar também o árabe por orientação de seus superiores, a fim de “pesquisar com mais rigor a histórias das cruzadas e o papel da França nelas”. O interesse pelas línguas, não pelos locais de onde elas vinham. Mesmo com seus métodos de ensino pouco práticos, contendo a mais pura repetição de passagens a exaustão, tornou-se muito influente no campo, tendo criado a Société Asiatique em 1821, além de receber o título de barão dado por Bonaparte.

O material impresso que tinha acesso à época, se limitava a alguns poucos textos em árabe como algumas prosas, o Corão e uma espécie de espelho de príncipes Kalila Wa Dimna Ibn al Muqaffa. Foi um dos primeiros a compreender a métrica das poesias em árabe, o que por décadas pareciam não fazer sentido aos olhos de estudiosos europeus.

Ao passo que outros orientalistas anteriores a ele (Schultens e Reiske) deixavam a academia ou envelheciam, aconteceu o que parece ser um afunilamento dos estudos sobre o oriente na França, tendo como figura principal ele mesmo, de Sacy. Acontece que após a sua morte, décadas depois, os estudiosos que restavam eram basicamente seus alunos e seguidores.

O efeito do tom de Sacy é formar um círculo que isola a ele e a seu público em geral, assim como um professor e seus alunos juntos numa sala de aula fechada forma um espaço selado. [...] como o Oriente é antigo e distante, a apresentação do professor é uma restauração, uma revisão do que desapareceu da percepção mais ampla. (SAID, 1977, pg. 181)<sup>18</sup>

18 SAID, Edward. O Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente. 1978.

De tal modo, aquilo que de Sacy estudou e aquilo que passou a seus estudantes fora amplamente recebido como verdade/história. Existe uma linha tênue entre apresentar uma visão e a mesma ser completa.

Havia outros grupos de orientalistas nos países vizinhos.

A real Sociedade asiática da Grã-Bretanha (1823) e seu *Journal* foi inspirada na instituição de Jones. A Sociedade Oriental Americana foi fundada em 1842 e a Deutsche Morgneländische Gesellschaft foi estabelecida em 1845[...] (IRWIN, 2006, pg 125)

Irwin, no entanto, caracteriza essas outras instituições importantes mais ao longo prazo, visto que, até um Congresso realizado em Paris em 1873, aqueles que se interessavam pelo oriente não eram necessariamente acadêmicos e sim, amadores entusiasmados com bastante tempo livre, como aristocratas ou clérigos.

Irwin aqui comete o que considero no mínimo um erro ao generalizar a questão relativa ao imperialismo e o orientalismo. Ao escrever sobre o foco dos estudos desses diversos grupos, ele dita que:

Se houver uma ligação entre o imperialismo do século XIX e o orientalismo, ela foi principalmente a seguinte – que funcionários do império, solitários e entediados em longínquos postos avançados, começaram a dedicar-se ao estudo de histórias e línguas exóticas como Hobby. (IRWIN, 2006, pg. 176)

Claro que a presença desses “entediados” diplomatas e funcionários públicos faz parte do acervo do oriente que possuímos hoje mas, ao ignorar o papel que certos trabalhos representariam para o decorrer do século seguinte são de extrema ingenuidade, a meu ver. Tanto é verdade isso, que após os elogios o personagem que fora de Sacy, seu próximo subcapítulo no livro *Pelo amor ao Saber*, trata justamente da ascensão dos estudiosos para além França, tendo identificado o interesse de estudiosos austríacos, russos e alemães (mesmo antes da unificação) pelo Oriente. A ironia de tal sequência se dá pois, como veremos mais a frente, fora nessa época que houve um aprofundamento do racismo científico, do preconceito com povos estrangeiros (com base em ideias que tentavam se passar por científicas) e o início das políticas “sanitárias” de controle populacional.

Seguindo um caminho parecido com Sacy, o austríaco Joseph Freiherr von Hammer-Purgstall também focou em aprender idiomas desconhecidos ao grande público europeu como o turco, persa e árabe e, assim como Sacy, fora agraciado com um título de barão por suas contribuições, que mesmo não polidas (não era um acadêmico de carreira), por uma visão acadêmica, focavam principalmente sobre o conhecimento do império Otomano. A semelhança continua ao compararmos ambos e encontrarmos dois homens conservadores que possuíam interesses nos estudos linguísticos e poéticos, mas um certo desagrado quanto as civilizações de sua origem.

Acreditava em “seitas orientais” que teriam sido convertidas na Europa, em instituições sinistras como os maçons, os rosa-cruzes e os iluministas, chegando ao ponto de elaborar um estudo sobre os seguidores de Baphomet, um demônio, dentro o grupo de cavaleiros templários do século XIV. Se suas visões podem ser facilmente contestadas hoje, a época elas acabavam por influenciar outros que buscavam conhecimento sobre o oriente e poderiam ser contaminados com essas teorias conspiratórias. Seus estudos abarcavam poesias, documentos históricos e versões do Corão, que foram muitas vezes interpretados, sem obrigatoriamente com os mesmos vereditos, por esses estudiosos europeus.

Um dado interessante que Irwin traz é que, ao redor de 1840, uma grande parte de professores das universidades alemãs era de origem judaica<sup>19</sup>, tendo contribuído não apenas nas traduções de textos em hebraico ou árabe, mas como interpretes do Corão, incluindo uma obra que busca pinçar sobre quais pontos Maomé adotou do judaísmo em sua caminhada profética. As viagens desses estudiosos, de maneira geral, se davam entre suas sedes acadêmicas, partilhando entre si os poucos documentos e traduções que possuía e tendo viajado pouco ao verdadeiro oriente. Seus destinos pareciam se limitar ao Egito (antes do domínio completo pelos ingleses), Istambul, o Oriente Médio e a Índia. Os olhos se voltavam para o islamismo, não por uma questão religiosa, mas com uma visão “científica”.

<sup>19</sup> IRWIN, p. 184

Leopold von Ranke era um historiador alemão do período e, pela descrição de Irwin, um homem pragmático e em certa medida “otimista”. Buscava elaborar a “história como realmente aconteceu” e para isso, se utilizou do islamismo como uma parte da história de maneira prática.

Deus fazia uso de raças e civilizações como seus instrumentos e depois as descartava, durante a Idade Média, a civilização Islâmica tinha servido à vontade divina, mas, tendo sido derrotada pelos povos romanos e latinos, essa civilização tornou-se coisa morta e deveria ser estudada como tal. O Islã cumprira seu objetivo. Tinha preservado o monoteísmo, tinha transmitido à Europa a herança clássica e, por fim, era a entidade em comparação a qual a Europa se definia. (IRWIN, 2006, pg. 185) <sup>20</sup>

Se o renascimento foi, em parte, uma busca pelos clássicos para se vislumbrar o futuro, a função do Islã foi preservar o conhecimento dos gregos para que pudesse ser reaproveitado por “aqueles que os entenderiam”, no caso os europeus. Essa visão mais macro da funcionalidade dos *outros* era a de auxiliares dos centros de poder no mundo não seria uma exclusividade de von Ranke. Em breve os olhares de alguns se tornariam munição para que menos de um século depois, a busca pelas origens do arianismo, por exemplo, levasse à criação do nazismo e da política de limpeza étnica.

21

E se, os olhos dos estudiosos ainda focavam sua atenção para o helenismo ou os estudos latinos – dois momentos importantes para a formação europeia, mas “encerrados” – esses mesmos olhos precisariam de lentes para ver o Oriente. Um dos erros ocorridos dessa mistura de estudos era ignorar dois fatores que diferenciavam os estudos clássicos dos estudos orientais: não só o *oriente* não poderia ser generalizado, como ele ainda estava ali, com sociedades ímpares, incontáveis línguas, religiões e suscetíveis a mudanças externas e internas.

20 IRWIN, 2008, p. 185

21 Alguns autores descritos por Irwin são elencados como participantes do início do racismo científico, como Ernest Renan, seu professor Le Hir e um estudante de suas ideias, o conde Joseph-Arthur de Gobineau. Ver subcapítulo Dois Arquivilhões orientalistas segundo Said em Irwin.

Estudos de geólogos, biólogos ou até arqueólogos (interessados em objetos para exposição, não nas culturas daqueles povos) poderiam ser feitos sem a consideração dos povos e culturas que habitavam o Oriente da época. No entanto, estudos sobre os estados, os costumes, filosofias e línguas não poderiam ignorar seus contemporâneos ao leste. A filologia era imprescindível para os estudos orientalistas e claro que não poderia ser desprezada. Tanto é que um dos maiores orientalistas da época foi tema tanto de Said quanto de Irwin: Ernest Renan

O autor francês nascido em 1823 pode ser analisado nessa obra de duas maneiras, uma como um orientalista clássico do século XIX por seu foco em linguagem – uma queda pelas línguas semíticas<sup>22</sup> - e a confusão que sua história gerou ao leitor de Said e Irwin. Ambos os pesquisadores se utilizaram dele como meio para fazer um contraponto entre ele e de Sacy, tendo enfim, visões aparentemente bem diferentes sobre Renan e uma interpretação feita por Irwin que não parece estar de acordo com o que Said escreveu em sua própria obra.

Ernest Renan para todos os casos era um estudioso que possuía um interesse pelas línguas orientais de maneira que passou a ser, na Europa do XIX, um dos primeiros filólogos modernos. Uma crise de fé, dada também pela perda de sua irmã em uma das viagens que fazia ao oriente, fez com que ele tratasse da figura de Jesus e de Maomé como ótimos e inteligentes homens para suas épocas, não enaltecendo o primeiro como filho de Deus e nem demonizando o segundo por ser um “falso profeta” aos olhos dos europeus de sua época. Como de praxe, mesmo trabalhando com os idiomas e formas de documentação escrita ou oral, o trabalho desses estudiosos costumava ir além da técnica e adentrava o campo narrativo/religioso. “Renan acreditava que, ao contrário das outras grandes religiões do mundo, ‘o islã nasceu à plena luz da história.’” explicou Irwin em seu texto<sup>23</sup>, páginas antes de atribuir a Renan e Gobineau os títulos de racistas, o que não seria difícil tendo colocado Renan ao lado de quem seria lido pelo próprio Hitler.

22 Classificação de línguas presentes na região do norte da África e oriente médio, tendo como principais atualmente o árabe, aramaico, o maltês e o hebraico.

23 Irwin, Página 199

“Se Gobineau chega a ser estudado atualmente, é como teórico do racismo e como influência no pensamento racial de Houston Chamberlain, Alfred Rosenber e Adolf Hitler.” (IRWIN, 2006, página 199)

Said no entanto, mesmo com suas ressalvas, tratava Renan como um homem de seu tempo, com contribuições importantes para o aprofundamento do orientalismo e dos homens orientais. Apesar da discordância com Irwin que intitulou que Said considerava um “romântico”, o mesmo era descrito menos como um preconceituoso e mais como um:

“Assim o Laboratório filológico, como Renan o compreendia, não só redefinía a sua época e a sua cultura, datando-as e modelando-as de novas maneiras; dava a seu tema oriental uma coerência erudita, e mais, transformava-o (e a orientalistas posteriores que seguiriam sua tradição) na figura cultural ocidental que então se tornou.” (IRWIN, 2006, página 199)

A verdade é nem apenas de Renan ou de Sacy se resumiu o orientalismo no século XIX. Como já dito anteriormente, foram fundadas no período instituições como a sociedade asiática da Grã-Bretanha, a Sociedade Oriental americana e a Deutsche Morgneländische Gesellschaft, sem falar das contribuições dos russos e holandeses. Mas gostaria de focar um pouco na parte inglesa nesse exato momento, tanto pelo o que viria a se tornar o império britânico e sua influência nos países dominados, mas também por se tratar do país de origem do orientalista inglês cujos próximos capítulos dedicarei.

Segundo Irwin, do país e dos estudantes de Sacy, não surgiu nenhum inglês de renome que pudesse se equiparar aos grandes orientalistas porque, para a formação do britânico como um “cidadão”, era necessário o ensino bíblico e dos clássicos. A romantização da era clássica dos gregos e romanos faria com que histórias, língua e costumes fossem meio para construir caráter. O termo orientalista parece ter sido cunhado na Inglaterra tendo, porém, passado por uma crise de significado em pouco tempo. O que era considerado em 1779 uma pessoa versada em “línguas e literaturas orientais”, possuía não só um conceito incompleto do oriente

– visto como o norte Otomano da África e diferente da Ásia - como também era usado para significar

“[...] designava um britânico que não só estudava a cultura indiana, mas também defendia a tese de que a Índia fosse governada em conformidade com leis e costumes locais.” (IRWIN, 2006, página 190)

A força do imperialismo e colonialismo britânico não controlava só no passado recente. Não apenas a Companhia das Índias Orientais atuava há séculos, como o controle das rotas comerciais, controle dos escravizados (antes comercializados pela Companhia) e o controle de regiões, fossem elas partes de império ou apêndices anexados a força, todos eram feitos com métodos rígidos e que tentavam passar a imagem de “bons moços”.

A construção do College of Fort William em Calcutá foi um exemplo disso, tendo como um expoente a figura de William Hay Macnaghten que viria futuramente a ser um importante político em territórios como Afeganistão e Bombaim. A ideia de passar conhecimento ao estilo ocidental (com os protocolos e regras da cátedra europeia) servia de duas maneiras ao império: produzia documentação e traduções a serem estudadas pelos que estavam na Inglaterra e ajudava no letramento e adequação dos hindus ao sistema educacional mais tradicional, ao fazê-los ter interesse sobre seu próprio passado ou, numa possibilidade mais crítica, força-los a reinterpretar seu passado. O que não impediu que críticos desses “orientalistas” da concepção secundária fossem rechaçados por parte dos membros da metrópole.

A ideia de que indianos pudessem aprender algo com a cultura britânica ou que britânicos pudessem aprender algo com a cultura indiana era vista como impossível para alguns no velho continente. James Mill e Lorde Macaulay são exemplos disso, para eles nada do que fora coletado ou criado fora das prateleiras de suas bibliotecas tinha valor, tendo insistido que se ensinasse apenas os hábitos britânicos para os indianos ou os clássicos grego e latim. O contra do contra também haveria de existir, sendo criticados posteriormente pelo fato de ignorarem que o império era tão vasto que o conhecimento dos clássicos pouco importaria se não se soubesse a extensão e os povos que a Inglaterra dominava.

As distinções e comparações serviam como uma via de mão dupla:

- 1) de um lado era possível reconhecer se as culturas de um país eram de estilo dominador ou de dominado.
- 2) servia a uma nova área que estava para surgir que podemos chamar de racismo científico.

O primeiro ponto era um balizador para que a paz no continente europeu persistisse por quase um século pois afinal, o mundo estava cheio de culturas para serem dominadas então não haveria necessidade de brigar entre “iguais”. O segundo seria uma espécie de desculpa para o rebaixamento de outros povos e civilizações. A teoria racial serviria como meio de diferenciar, “cientificamente”, o nós do deles, podendo incluir populações para além-mar ou estrangeiros em território nacional.

### **1.3 O Orientalismo Inglês**

Said em *Cultura e Imperialismo* (1993) <sup>24</sup> cita 5 pontos que pareciam essenciais a ideia da manutenção do bem-estar do Império Britânico que fariam parte também de uma ideia seguida por orientalistas símbolos do império. 1 – Fronteiras culturais e geográficas bem estabelecidas. 2 – Diferenças entre as raças primitivas e modernas bem definidas. 3 – Ideia de que a dominação é feita com um poder centralizado forte e que os dominados são beneficiados pelo controle da metrópole. 4 – Modelação dos ambientes dominados para uma melhor adequação ao império. 5 – Construção de imagens de poder imperial.

A fim de não me alongar, irei me ater a duas em particular que conversam entre si, a quarta e a quinta. Enquanto a quarta trata de formatação cultural, a quinta debate sobre as imagens criadas pelo império sobre os *outros*. A influência das culturas externas tinha sim influência na metrópole, mesmo que produzida por internos em suas viagens. Já comentei sobre a presença extensiva de orientes diferentes em obras ocidentais. O exótico, o diferente, a inocência, a promiscuidade, os mistérios e

24 SAID, Edward, *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das letras, 2011

os monstros. A verdade é que os ditos estudiosos da época muitas vezes desenhavam a imagem que queriam do Oriente sem contrapartida.

“Um homem do seu tempo” seria uma boa classificação para relevar opiniões e obras controversas de homens (que são a maioria dos investigados pelos autores modernos), mas tal classificação não os livra de serem criticados ou suas ideias de serem confrontadas. À medida que o Oriente se tornou pauta “da moda” nos meios acadêmicos, o número de interessados pelo restante do mundo aumentou de quantidade e de campos de atuação. Cada país produzia os seus estudiosos e cada estudioso se aproveitava dos países que eram dominados pelo seu.

As atitudes imperiais tinham abrangência e *autoridade*, mas também, num período de expansão externa e mobilidade social interna, um grande poder criativo. Refiro-me aqui não só à “invenção da tradição” de modo geral, mas também à capacidade de gerar imagens estéticas e intelectuais curiosamente autônomas. Desenvolveram-se discursos orientalistas, africanistas e americanistas urdindo-se a partir da historiografia, da pintura, da literatura e da cultura popular, e entrelaçando-se com elas. (SAID, 1993, pg. 134)

A presença de escritores, pintores, arquitetos e até interessados em dança como é o caso das mulheres estudadas por Naiara de Assunção, faz com que o Oriente se torne apelativo aos intelectuais europeus e sirva de centro culturais para o “grande público”. Alguns dos acervos arqueológicos mais emblemáticos dos grandes museus, como o Britânico por exemplo, tiveram seu “boom” popular com achados – saqueados melhor dizendo – em escavações no Egito, Índia e Chipre. Agora, tais pedaços da história, seriam peças do museu, somando-se a achados da pré-história, relíquias religiosas e histórias de monarcas.

Said nesse livro, no entanto, vai para além dos estudiosos mais acadêmicos e passa a analisar também àquele que desfrutavam na época de grandes expedições para elaborar acervos e mostras que não se limitam aos salões de discussão fechados, mas que atendem ao popular e ao curioso europeu do fim do século XIX e início do XX. A presença dos estudiosos de fora da academia aparece aqui.

Gostaria agora de demonstrar até que ponto, e com que inventividade, esse material afeta determinadas áreas da atividade cultural, mesmo aqueles campos que, hoje em dia, não associamos a uma sórdida exploração imperial. (SAID, 1993, pg. 135)

A ópera Aida de Verdi servia como um parâmetro para definir a vida no Egito dominado pelos britânicos? Muito provavelmente não, mas ela tinha um papel importante. Transformar algo fora da Europa em tema de tão importante e elitizada aspecto da cultura europeia não era uma tarefa fácil, e Aida conseguiu se manter relevante por décadas. Não se tratava do Egito moderno e sim do exótico, mas, como tudo tem de começar por algum lugar, serviu de maneira a apresentar uma cultura diferente ao alienado europeu.

Dessa leva de novos pesquisadores e estudiosos surge Ernest Alfred Thompson Wallis Budge, autor do livro que debaterei nos próximos capítulos *The Monks of Kublai Khan Emperor of China*, publicado em 1928. Conquanto esse livro data de um período mais posterior da sua vida, Budge iniciou sua “carreira” como orientalista antes mesmo da maioridade, quando ao redor dos 15 anos passou a frequentar o Museu Britânico devido ao seu interesse nas línguas hebraica e árabe e por ter como tutor Charles Seeger. Segundo o que consta no site do próprio museu, Budge teria aprendido as línguas por conta própria e já trabalhava com as tábuas escritas em cuneiforme antes mesmo de ir para Cambridge em 1878.

Entrou para o museu como funcionário oficial em 1883 e virou curador dos acervos de antiguidades do Egito e da Síria, que por décadas foram destinos de viagem dele para comprar/escavar, indo para o Egito e a Mesopotâmia em 3 ocasiões: 1887, 1888 e 1890. Recebeu os apelidos de “Pai das Caveiras” e “Pai das Antiguidades”<sup>25</sup>, tendo algumas dessas compras ainda hoje disponíveis no museu e no site da instituição. Ficou reconhecido por obras que versavam sobre o Egito e Mesopotâmia sendo que, curiosamente, a obra que trabalharei em seguida está praticamente escondida dentro da bibliografia escrita pelo autor em sites que falam sobre o mesmo.

<sup>25</sup> Nomes dados, creio eu, pela quantidade de ossadas e crânios antigos que levou para o Museu.



## Capítulo 2 : Quem era Sir Wallis Budge?

Para se chegar à história dos monges e sua mini epopeia<sup>26</sup> de atravessar metade do planeta conhecido (aos europeus e asiáticos do século XIII) é necessário antes, entender como a história desses dois chegou em nossas mãos e por quem foi contada. Irei nesse capítulo contextualizar as obras de Sir Wallis Budge, assim como um breve resumo sobre algumas informações que ele escreveu antes de realizar a tradução da vida dos dois monges nestorianos.

### 2.1 O trabalho de Budge:

Sir Wallis Budge foi um orientalista dos séculos XIX e início do XX. Suas obras outras, estão calcadas principalmente na tradução de textos e estudo de línguas “estranhas” ao leitor europeu, tendo um foco em obras que versam sobre o Egito. Seu livro *O Livro dos Mortos do Antigo Egito* de 1895 se tornou o carro-chefe de seu trabalho. Trata-se de uma compilação de papiros encontrados que versavam sobre orações, feitiços e ritos fúnebres no Egito Antigo e que, mesmo tendo a morte no nome, tratava sobre a vida após a morte, pois eram escritos para serem levados aos túmulos de forma a orientar os mortos.

Seus trabalhos costumavam tratar de documentos, relíquias e tábuas com escritas em cuneiforme, tendo elaborado diversos trabalhos sobre Egito, Mesopotâmia e Assíria. Tendo feito muitos trabalhos de tradução, como o próprio Livro dos Mortos (1895), *Egyptian Magic* (1901) e *Osiris and the Egyptian Resurrection* (1911) o que nos dá uma base para levantar dois pontos importantes de sua carreira, que vão ser influência para a criação do livro foco do estudo: traduções e religião. Por mais que os livros sobre o Egito passem a ideia de que os egípcios eram misteriosos e místicos, a

26 Miniepopéia pois, apesar de não enfrentarem monstro mitológicos, os monges atravessaram porções surreais de distância em meio a guerra, deserto e conflitos. E, chegando do outro lado do continente intactos, um deles ainda foi enviado para uma segunda viagem onde atravessaria todo um outro continente estranho a ele, sem falar os idiomas locais e voltaria inteiro.

realidade é que os textos por ele estudados e traduzidos, faziam parte de ritos religiosos talvez tão comuns – para a época – quanto uma missa ou um funeral moderno.

Seu trabalho em *The Monks of Kublai Khan Emperor of China (1928)* não é muito diferente em teoria. Sua composição como obra trata da tradução de um texto originalmente em sírio arcaico para o inglês, que conta a história de vida de dois monges de origem chinesa que não só conheceram um dos homens mais poderosos da terra a época, Kublai Khan (neto e herdeiro de Gengis Khan), como também receberam dele a autorização<sup>27</sup> de viajar por toda a extensão do território mongol até Jerusalém para rezar.

Os monges faziam parte da igreja cristã na vertente Nestoriana, uma difusão do catolicismo presente a leste de Constantinopla e é uma doutrina presente entre os cristãos do oriente (principalmente Síria e China). Budge dedica alguns parágrafos a dar esse contexto sobre formação da religião antes de focar nas histórias dos monges.

Marcos e Sawma tinham como objetivo fazer a peregrinação para se livrarem dos pecados na Terra Santa. Tal peregrinação, posta assim parece muito simples, mas é notório que mesmo sem ter uma aparente força política, os dois monges ao passo que atravessavam os territórios de maneira intacta, acabaram por acumular prestígio diplomático ao ponto de chegar em Bagdá e receberem diversos títulos e outras missões que poderiam influenciar todo o continente asiático e europeu.

## **2.2 Sobre a origem do documento e traduções**

Antes, no entanto, de adentrar a tradução propriamente dita do texto sobre os monges, Wallis Budge dedica parte de sua introdução para descrever alguns aspectos da obra que servem tanto como contexto, como justificativa. Primeiro que a existência desses monges era irrelevante/desconhecida para os estudiosos por séculos, havendo menção a eles, apenas dentro de textos de Bar Hebreu.

<sup>27</sup> Budge comenta sobre como a autorização poderia ser vista como uma missão, tendo em vista que eles praticamente eram enviados diplomáticos do próprio Khan para “propagandear” a dominação mongol sob a região.

O filósofo e historiador católico turco do século XIII mencionou conhecer a história de dois monges que estavam a peregrinar por todo o território dominado por Kublai Khan com cartas escritas por ele mesmo lhes dando salvo conduto. Bar Hebreu, no entanto, faleceu alguns anos antes dos monges se tornarem importantes expoentes para o mundo cristão do Oriente.<sup>28</sup> Claro que tratar de um assunto nunca antes traduzido ou comentado, seria uma realização grande para um orientalista, que poderia fazer com que seu trabalho servisse de base para outros estudiosos. Budge, porém, não foi o primeiro “moderno” a trabalhar com o texto.

O autor admite não ser o primeiro a traduzir tal texto para as línguas “novas”, tendo sido influenciado a conseguir os manuscritos graças ao trabalho de Paul Bedjan, um padre assírio que encontrara o texto com um nestoriano turco em 1887, que fez um primeiro trabalho de preservação e restauração do documento, tentando “traduzi-lo” do sírio arcaico para um mais moderno e palpável. Conquanto que outros publicaram textos sobre o achado em outras línguas, o acesso a esse documento ficou restrito ao que Bedjan produziu e o que outros poderiam vir a publicar. Como Budge não conseguiu nenhum desses outros textos para estudar, acabou por traduzir ele mesmo o trabalho de Bedjan do Sírio para o inglês e o fez complementando o livro com contextos sobre a religião dos monges, assim como o mundo do século XIII no oriente dominado pelas hordas de cavaleiros mongóis.

Sua obra serve dois propósitos para esse trabalho: estudar sobre os monges do século XIII e estudar como escrevia um orientalista do início do século XX. Muito pode ser aprendido lendo a introdução nessa obra, pois, por mais que traduções possam ter algum tipo de tendência por parte do autor, seus comentários mais livres podem conter mais elementos que nos apresentem suas opiniões e/ou preconceitos.

Já falamos sobre como existem vários orientalismos segundo Said, mas, como nem tudo pode se encaixar numa só categoria, veremos que Budge podia sim ser

<sup>28</sup> Budge usa da figura Bar Hebreu de maneira similar a que usa a de Marco Polo. Ambos servem como validadores da narrativa descrita por Wallis Budge por apresentar locais e “fatos” históricos que coincidem com os apresentados por ele na introdução da obra dos monges.

homem estudioso e focado no ensino do oriente, mas também possuía certos *pré-conceitos* em relação ao Oriente e os orientais.

Mas não podemos esquecer que a publicação de qualquer tradução completa dessa história apenas foi feita possível pelo trabalho do Padre Bedja no texto sírio. Quando, vários anos atrás, ele estava copiando manuscritos do Museu Britânico para seu *Acta Sanctorum*, ele mostrou-me o manuscrito da história que pararia nas suas mãos, e sua própria cópia que ele estava preparando para publicação. Sua paciência era verdadeiramente oriental, e a habilidade com a qual ele dispunha as palavras levando em conta as que faltavam, corrigindo a ortografia [...] (BUDGE, 1928, pg. 8)<sup>29</sup>

A “paciência oriental” pode não ser necessariamente um insulto ou uma generalização, mas, ao determinar uma característica como algo que advém da origem da pessoa, o autor mostra que tem uma certa pré disposição a considerar orientais de maneira diferente dos ocidentais. Suas visões sobre os *outros*, no entanto, também possuem mais de um viés. Ao analisar a história da igreja nestoriana mais contemporânea, o autor comete gafes de generalização de reprovação para uns e elevação para outros.

“**É difícil entender o ódio insensato** que os turcos e os curdos tinham demonstrado pelos Nestorianos, tempos atrás de tempos os Paxás Turcos e outros oficiais elogiaram calorosamente suas boas qualidades e habilidades.”(BUDGE, 1928, pg. 9, grifo nosso)<sup>30</sup>  
“Eu encontrei os Nestorianos dos mais hospitaleiros e gentis, frugais, trabalhadores e muito inteligentes. Os homens são formados forte e

29 Tradução livre de Budge pg. 8: “But it must not be forgotten that the publication of any complete translation of this History has I only been made possible by the labours of Father Bedjan on the Syriac text. When, many years ago, he was copying manuscripts in the British Museum for his *Acta Sanctorum* he showed me the manuscript of the History which had been put into his hands, and his own copy of it which he was preparing for publication. His patience was truly Oriental, and the skill which he displayed in supplying the words which had been omitted, and correcting the orthography [...] “

30 Tradução livre de Budge pg. 9 “It is hard to understand the insensate hate which the Turks and Kurds have displayed towards the Nestorians, for time after time Turkish Pashas and other officials have warmly praised to me their good qualities and sterling abilities.”

solidamente e pela força de trabalho e resistência, **não possuem iguais na Mesopotâmia.**” (BUDGE, 1928, pg. 9, grifo nosso)<sup>31</sup>

Tais comentários são trazidos quase que aleatoriamente no meio da discussão entre traduções e contextos e, por mais que não sejam a tônica geral da obra, trazem uma dúvida quanto ao porquê de Budge ter escolhido esses monges para estudar. Marcos e Sawma - eram cristãos - enfrentando as adversidades diversas incluindo “anti-cristãos fervorosos”, “muçulmanos que ‘se apossaram de Jerusalém’ ” e “ladrões nas estradas”, tudo em prol da sua religiosidade e em nome de deus e de Reis que queriam se livrar dos muçulmanos. Apesar disso, seu trabalho para além da introdução parece seguir uma linha mais centrada na tradução do documento em si, em detrimento de opiniões do autor, partindo direto do presente (contexto de 1928) diretamente para a formação da igreja do Oriente.

### **2.3 As origens do Nestorianismo**

Remontando aos primeiros anos do cristianismo, o autor faz uma busca para encontrar as origens do nestorianismo ou da própria doutrina cristã no Oriente. Ao elencar a formação de uma doutrina cristã ao leste a São Tomé, um dos discípulos diretos de Cristo, o autor estabelece a relação de que, não somente os cristãos do oriente possuem uma história parecida com os do Ocidente – pregação de um discípulo de Jesus e conversão das populações mais pobres – como também que foram formadas comunidades cristãs nos “Orientes” Próximo e Distante, da Pérsia até o extremo sul da Índia<sup>32</sup>.

A criação desta narrativa sobre a formação dessa igreja que difere da católica apostólica romana serve como uma introdução ao que posteriormente será tratado referente aos diferentes dogmas que se formaram. Sua influência na Índia seria tanta, que muitos séculos depois, Marco Polo tentou encontrar os locais de origem para o

31 Tradução livre de Budge pg. 9 “I found the Nestorians most hospitable and kindly, frugal and hard-working and very intelligent. The men are strongly and solidly built and wake splendid farmers, and for power of work and ' endurance they have no equals in Mesopotamia “

32 Ver dissertação de Giuliano Martins Massi (UFJF), Cristianismo na Índia: os cristãos de São Tomé, sua constituição, suas tradições e suas práticas religiosas

cristianismo iniciado por Tomé.<sup>33</sup> Assim como Tomé, outros que o seguiram tiveram dificuldades para estabelecer a religião e os costumes do cristianismo na região. Addai<sup>34</sup>, um dos primeiros herdeiros de Tomé na comunidade, teve num espaço curto de tempo dois Reis, o pai que fora convertido por ele e que lhe deu liberdade para construir igrejas, enquanto que seu filho o condenou à morte, tendo sido enterrado perto de onde estava o túmulo de Tomé, não antes sem deixar dois outros discípulos: Aggai e Mari<sup>35</sup>, este segundo responsável por uma grande expansão da igreja para o Eufrates.<sup>36</sup>

Acompanhar geograficamente os movimentos desses personagens fica um pouco difícil, tendo em vista que as pessoas parecem viajar distâncias homéricas em questão de duas frases. Mas o fato de dar as informações sem elaborar um contexto não parece ser o principal foco de Budge, sendo mais importante para ele entender onde surgiu os movimentos cristãos no Oriente. Onde e porquê eram mais importantes para a obra do que a vida desses que fundaram tais movimentos. O que deve ser foco de atenção – minha e para entender Budge – virá nas doutrinas criadas por estes e onde suas influências permearam.

Os sucessores de Mari levaram em frente seu bom trabalho o qual Addai havia começado na Mesopotâmia e pelos países além a leste e em muitas cidades sírias proeminentes cristãos praticavam ascetismo. (BUDGE, 1928, pg. 10)<sup>37</sup>

33 Fica aqui um parêntese para a frequente presença da figura de Marco Polo, por se tratar de um texto que parecia circular muito à época de Budge, que serve de referência permanente para dar legitimidade aos nomes de localidades que nossos monges passavam de maneira que, frequentemente Budge descrevia um dos locais por onde Marcos e Sawma passavam como aquele onde Marco Polo fez isso ou aquilo.

34 Também chamado de Tadeu de Edessa Autor faz referência a ele ser um dos 72 discípulos de Jesus que, para além dos 12 iniciais, tinham o objetivo de converter o maior número de fiéis possível.

35 Ou Mares, seria feito santo posteriormente. p. 10

36 Uma boa indicação para se estudar um pouco sobre a formação da cristandade em locais pouco conhecemos está presente na dissertação de Vitor Borges da Cunha, A Religiosidade Etíope à Luz da Crônica Verdadeira Informaçam das Terras de Preste Joam (Século XVI) Trata da formação da cristandade na Etiópia e também da utilização de crônicas de viajantes como historiografia.

37 Tradução livre de Budge: pg. “10 The successors of MARI carried on the good work which he and Addai had begun in Mesopotamia and the countries further to the east, and in many towns in Syria prominent Christians practised asceticism.”

O trabalho de Mari fundamentou as bases para o cristianismo na Síria, e mesmo que não saibamos muito dos pormenores de como foram os anos iniciais, no Século III um expoente da religião teria realizado milagres e teria convertido muitos a se tornarem cristãos, Awgim ou Mar Awgim, que era um filho de comerciantes e por décadas trabalhou com comércio de pérolas nas rotas no Egito e fora o principal responsável por converter homens ao monoteísmo no país.

Para isso é dito que fez peregrinação por anos, tendo ficado recluso depois com outros religiosos em uma espécie de mosteiro, onde dizia realizar milagres e curar os enfermos. Com o passar do tempo suas histórias passaram a circular na região e a instigar alguns que o procuraram na busca de desmascará-lo ou aceitarem seus dons milagrosos e se converterem. Para isso, Sapor II<sup>38</sup> ordenou o seguinte:

“Sapor ordenou que o fogo fosse aceso, e comandou um dos adoradores de fogo que andasse e permanecesse sob o fogo, mas nenhum dos sacerdotes zoroastristas se aproximariam do fogo. Vendo isso, um dos monges de Awgim andou e permaneceu sob o fogo por um longo tempo, ele não foi ferido e suas vestimentas não foram queimadas. Então Sapor aceitou o Deus de Awgim como o verdadeiro Deus, e pediu para que ele ajudasse um dos filhos de Sapor que estaria possuído pelo demônio.” (BUDGE, 1928, pg. 10)<sup>39</sup>

Passando em seu teste, Sapor II deu a Awgim e seus seguidores o direito de expandirem livremente sua religião e construir comunidades onde a *graça divina* os levasse. Tudo isso é apresentado ao leitor de Budge como uma história sem fontes onde é dever nosso aceitar sua narrativa. A utilização dessas histórias dignas de passagens bíblicas é interpretada como “aquilo que ocorreu” na busca de tornar o processo de formação do nestorianismo mais tangível.

Seria quase impossível determinar onde cada um desses pregadores seguiu, mas para fins objetivos, Budge presume que foram esses missionários que acabaram

38 Um Rei, ou Xá, do império Sassânida, no Iraque

39 Tradução livre de Budge, pg. 10: “Sapor ordered the fire to be lighted, and commanded one of the fire-worshippers to go and stand up in it, but none of the Magians would approach the fire. Seeing this, one of Awgin’s monks went and stood up in the fire for a long time, and he was not hurt and his garments were not scorched. Then Sapor accepted the God of Awgin as the true God, and asked him to heal one of his sons who was possessed of a devil. “

por catequizar a região onde, no século V, Teodoro de Mopsuéstia e Nestório em si iriam se converter e aprofundar a religião. O primeiro, nascido em Antioquia, era um bispo nascido de uma família rica, que, por sua educação e ascetismo, fez com que ele escrevesse interpretações e análises do Velho e Novo Testamento de maneira “crítica”.

Suas obras, que inspirariam o dogma do nestorianismo, versavam sobre as naturezas de Cristo, de maneira separada entre o homem, Jesus, e o Deus. Conquanto que debateremos tais doutrinas em seguida, é notório perceber que Teodoro, com sua formação dita racional, via Jesus de maneira mais cética e analista. Não que ele duvidasse de que Deus estava presente nele, mas questionava o fato de Deus se apresentar como um homem de carne e osso. Suas obras que se debruçariam sobre as escrituras antigas, foram traduzidas principalmente para o sírio, e foram a base de ensinamentos que levaram Nestório a questionar as naturezas de Jesus, assim como Teodoro fizera antes dele. Apesar disso, a vertente cristã que seria “criada” ali, levaria o nome do pregador dos ensinamentos, não do seu criador.

Nestório tornou-se famoso na Antioquia, onde provavelmente estudou os ensinamentos de Teodoro e de Diodoro, Bispo de Tarso (na atual Turquia), e ganhou relevância por suas qualidades – segundo Budge, era um excelente orador e possuía uma voz marcante – e também por seus inimigos, como por Apolinário de Laodiceia, bispo com quem possuía diferenças dogmáticas importantes. Tornou-se Patriarca de Constantinopla no ano de 427, após a nomeação de Teodósio II e passou a criticar a obra de Apolinário, por ser uma heresia à igreja de Constantinopla. O debate de dogmas circulava a ideia de corpo e alma de Cristo serem um só, ou de possuírem naturezas separadas.

Apolinário atribuiu a Cristo um corpo e uma alma e a esses, ele adicionou o Logos divino. Como resultado, todos os atributos divinos foram transferidos à natureza humana e todos os atributos humanos ao divino, e os dois se uniram em uma só natureza em Cristo. Ele poderia argumentar que o Logos fora crucificado junto de Jesus. Ele fez Cristo um ser que não era nem todo Deus nem todo homem. Declarou a visão ortodoxa de que a união entre o completo Divino e

completo humano era sem sentido. Em suma, ele recusou a completude da humanidade de Cristo e a existência de uma alma humana e racional Nele. (BUDGE, 1928, pg. 12)<sup>40</sup>

A natureza de Deus estava portanto, estava no centro da discussão conflitante entre as partes. Seria Deus um ser com um raciocínio humano, suscetível a falhas e raiva? Seria Jesus um homem tão puro que replicaria a imagem de Deus perfeitamente? Tais questões levantavam mais questões e controvérsias entre os líderes religiosos, chegando ao ponto onde Nestório prometeu a Teodósio *“Me dê, meu príncipe, uma terra purgada de heréticos e eu lhe darei um paraíso como recompensa.”*<sup>41</sup>(BUDGE, 1928, pg.12). A defesa da união entre Nestório e Teodósio seria uma demonstração de força que ia para além da religião, pois Nestório promete que, caso tivesse assistência na questão dos hereges, apoiaria o imperador a conquistar os Persas.

Outro ponto de atrito entre dogmas, era a questão que envolvia Maria, mãe de Jesus, mas nesse caso em específico as partes pareciam concordar. Para eles, a imagem de Maria seria valorizada em demasia, pois ela não seria nada além de uma mulher comum que dera luz a um filho, não ao Deus em si.

Anastácio fez dessa heresia o tema de um de seus controversos sermões, no qual ele disse ‘ Não deixe nenhum homem chamar Maria de Theotokos’<sup>42</sup>, pois maria não era nada além de uma mulher, e seria impossível que Deus poderia nascer de uma mulher. (BUDGE, 1928, pg. 12)<sup>43</sup>

<sup>40</sup> Tradução livre de Budge, página 12: “Apollinaris attributed to Christ a body and a soul, and to these he added the divine Logos. As a result all the divine attributes were transferred to the human nature, and all the human attributes to the divine, and the two merged in one nature in Christ. Thus he could argue that the Logos was Crucified. He made Christ a being who was neither all God nor all man. He declared the orthodox view of the union of full divinity with a full humanity in one person to be nonsense; in short he denied the completeness of Christ’s humanity, and the existence of a rational human soul in Him.”

<sup>41</sup> Tradução livre de Budge, página 12: “Give me, my prince, the earth purged of heretics, and I will give you heaven as a recompense”

<sup>42</sup> A nomenclatura remete a identidade de Maria como, Virgem Maria, em grego

<sup>43</sup> Tradução livre de Budge, página 12: “Anastasius made this heresy the subject of one of his controversial sermons, in which he said .Let no man call Mary Theotokos: for Mary was but a woman, and it is impossible that God should be born of a woman.. “ Grifo nosso

A discussão sobre a natureza dividida de Cristo teria reflexos para além daquela região, pois tais ensinamentos quando chegaram aos ouvidos a Cirilo, Patriarca de Alexandria e inimigo político de Nestório, foram feitos de arma. Cirilo enviou cartas ao Papa Celestino criticando seu concorrente e suas doutrinas, que até foram defendidas por Nestório em vão, pois o papa se alinhou a Cirilo. Aqui o autor, ao elaborar esta visão de que Cirilo seria um manipulador, torna o personagem uma espécie de vilão em detrimento de Nestório, a quem Budge parece simpatizar em benefício de sua narrativa.

Os desdobramentos que ocorreram desse atrito, foi a convocação por parte do Imperador Teodósio II do Primeiro Concílio de Éfeso em 431, evento esse que teria como objetivo produzir um consenso entre os bispos cristãos sobre qual doutrina ou dogma, as igrejas deveriam seguir, e debater enfim, qual a natureza de Cristo, se era divina ou humana. O que aconteceu, segundo Budge, foi que Nestório nunca teve a oportunidade de falar neste Concílio, sendo considerado herege e punido com deposição de seu cargo de Patriarca e todas as suas obras, já escritas ou futuras, estavam proibidas e deveriam ser queimadas.

As palavras e ideias de Nestório estavam banidas de Constantinopla até a Península Ibérica, o que não impediu da doutrina de Teodoro de se espalhar para o leste, levando o nome de Nestório, nestorianismo. A chamada escola de Edessa foi um importante centro teológico onde foi possível que o nestorianismo sobrevivesse mais alguns anos, até que a escola foi fechada em 489, o que deu tempo o suficiente para que sua doutrina permeasse sobre as regiões da Pérsia, Mesopotâmia e países ao redor. Ao final do século V, o nestorianismo era uma nova parte do cristianismo, que não seguiria nem a igreja de Roma, nem a de Constantinopla.

Budge relata que no decorrer das décadas, a relação isolada dos nestorianos com outros grupos cristãos, foi um importante aprendizado para que eles pudessem sobreviver fisicamente e religiosamente em meio a países não cristãos. Sua convivência com os persas da era pré islâmica era pacífica e, ao passo que chegou a metade do século VII, sua relação com esses persas recém convertidos muçulmanos também foi. Os líderes da igreja conseguiram com os novos governantes acordos de

não agressão contra os nestorianos, assim como a garantia que suas crenças não seriam atacadas.

“O patriarca estipulou que os cristãos deveriam ser protegidos dos ataques de seus oponentes; que os árabes não deveriam entrar em guerra com eles; que eles não obrigados os cristãos a terem de mudar seus costumes e suas leis; que eles deveriam ajudar a reparar as velhas igrejas; que o imposto sobre os pobres não passasse de quatro; que o imposto sobre os mercadores e os homens ricos deveria ser de dez por homem; que uma serva cristã não devesse ser forçada a mudar sua fé, nem proibida de jejuar e rezar, etc.” (BUDGE, 1928, pg. 14)<sup>44</sup>

Budge aqui toma um juízo de valores para descrever estes nestorianos dentro do contexto que viviam. Diz ele que, por terem sua doutrina permeada na extinta escola de Edessa, os nestorianos possuíam características que eram vistas com bons olhos pelos persas muçulmanos. Além de serem pessoas simples e trabalhadoras, uma herança da escola teóloga também era de ser um centro de ensino de filosofia, matemática e lógica dos clássicos gregos, assim como medicina. Uma característica, exposta por Budge, dos nestorianos era a de serem homens de comércio e mercadores.

“Os nestorianos do século VI eram homens de negócios e, pelo impulso de sua religião, pelo amor pelas transações comerciais de todos os tipos, eles fizeram seu caminho em todos os países a leste da Mesopotâmia e, do sul da Babilônia, eles navegaram para as ilhas do Golfo persa e então para a Índia” (BUDGE, 1928, pg. 14)<sup>45</sup>

<sup>44</sup> Tradução livre de Budge, página 14: “The Patriarch stipulated that the Christians should be protected from the attacks of their foes; that the Arabs should not make them go to war with them; that they should not compel them to change their manners and laws; that they should help them to repair their old churches; that the tax on the poor should not exceed four: that the tax on merchants and wealthy men should be ten per man; that a Christian woman servant should not be compelled to change her faith, nor to neglect fasting and prayer, etc”

<sup>45</sup> Tradução livre de Budge, página 14: “The Nestorians of the VIth century were keen men of business, and under the impulse of their religion, and their love for mercantile transactions of all kinds, they made their way into all the countries to the east of Mesopotamia, and from Southern Babylonia they sailed to the islands in the Persian Gulf, and then to India”

Dois fatores sobre essa afirmação são de extrema importância para o contexto posterior da viagem dos monges: eles tinham conhecimentos das rotas comerciais graças a sua tradição mercantil e sua expansão se dava através de missionários que peregrinavam por essas rotas. Ao passo que agora devotos viajavam, a religião chegou no século VII a países como Turquistão, Tartária e, o mais importante para o capítulo seguinte, China.

#### **2.4 Expansão do dogma e novos centros religiosos.**

Com as portas para o ocidente “fechadas” por conta das rixas doutrinárias (que também eram políticas), o caminho encontrado pelos nestorianos para a expansão foi à leste. Regiões que já tinha tido contato com o cristianismo, como a Índia e a China<sup>46</sup>, segundo o autor, se encontraram isoladas dos domínios da igreja ortodoxas. Budge diz que “*O primeiro missionário nestoriano entrou na China no começo do século VII, mas é provável que o cristianismo tenha entrado no país em um período bem anterior*” (BUDGE, 1928, pg. 14)<sup>47</sup>, apesar de sabermos, através de textos como o de Peter Jackson, sobre leis de proteção aos cristãos já no século IV. A velocidade dessa expansão não foi acelerada como a do Islã para a época, nem como o budismo dos primeiros séculos da era comum na China, mas chega ao ponto que existiam diversas igrejas nestorianas espalhadas pela China no final do século VIII.

O centro principal da igreja passou de Ctesifonte (atual Iraque) para Bagdá por volta de 751, sendo um estratégico ponto de segurança política para os nestorianos, assim como importante para a questão das rotas de comércio e transporte. Conquanto que seus alcances chegaram no decorrer dos séculos a Síria, Armênia, Pérsia, Khuzistão (Irã), Sistão (região entre Irã e Afeganistão) Índia e claro a China, sua circulação e a não-perseguição a seus membros e doutrinas decorre mais de suas

<sup>46</sup> O autor assim como eu, por vezes ignora o fato de que tais países que hoje estão constituídos com fronteiras modernas, a época, eram territórios completamente distintos dos atuais em questões políticas.

<sup>47</sup> Tradução livre de Budge, página 14: “The first Nestorian missionary entered China early in the VIIth century, but it is probable that Christianity had entered that country at a much earlier period”

qualidades mencionadas antes. As habilidades mercantis, noções de medicina e manutenção de textos de filosofia e noções matemáticas gregas ajudavam os nestorianos a se manterem uma comunidade permanente por muitos séculos, mesmo que pequena.

“Para tais assuntos eles não iriam ligar, mas todos eles apreciavam a capacidade mental superior dos missionários Nestorianos e seus negociantes, e sua grande capacidade física e energética e, acima de tudo, seu conhecimento de medicina e sua prática no tratamento de doenças no corpo e toda a cura que eles infligiam.”  
(BUDGE, 1928, pg. 15) <sup>48</sup>

Segundo Yoshiro Saeki<sup>49</sup>, as missões nestorianas na China chegaram acompanhadas de missionários muçulmanos, pois, segundo ele e Budge, os grupos tinham uma relação pacífica entre eles e usavam das mesmas rotas para suas pregações e comércio. A expansão desse cristianismo, no entanto, encontrou barreiras políticas no século IX, quando começaram a ser perseguidos por chineses, tendo que se dividir entre abandonarem o país ou se unirem aos muçulmanos.

Conquanto que essa perseguição não durou muito tempo, os remanescentes nestorianos na China eram pouco numerosos e foi apenas no século XIII que tiveram contato mais próximo com líderes políticos de maior importância. Os comentários de Budge deixam a entender que foi graças aos monges Marcos e Sawma, cujas histórias veremos no próximo capítulo, foi possível que novas igrejas fossem fundadas, líderes fossem convertidos e uma missão diplomática em nome de dois descendentes de Gengis Khan.

<sup>48</sup> Tradução livre de Budge, página 15: “For such matters they would care nothing, but they all would appreciate the superior mental faculties of the Nestorian missionaries and traders, and their great physical energy, and above all their knowledge of medicine, and their practical treatment of the diseases of the body, and the healings they effected.”

<sup>49</sup> Autor Japonês do período de Budge que escreveu em 1916, *The Nestorian Monument in China*. Pode também ser encontrado como P. Y. Saeki.

A difusão da religião pode parecer dispersa e pouco efetiva se analisarmos que o nestorianismo nunca foi a religião predominante em nenhum desses locais, mas é de se notar que, mesmo que em menor número, os nestorianos se tornaram presentes do século VI até o final do XIII em uma boa porção do mundo oriental como conhecemos. A mesma maneira com que Budge tenta fazer um resumo da história do nestorianismo tem como base fontes que o mesmo não nos apresenta, sendo limitado a nós, aceitar o que ele escreve. Segundo ele o apogeu do nestorianismo foi alcançado quando Marcos se tornou Patriarca do Leste e seu parceiro de peregrinação Sawma, ter sido enviado a realizar missões diplomáticas com diversos príncipes e reis dos domínios mongóis e com reis do ocidente e o próprio papa.

## **2.5 Problemas e declínio do cristianismo na Ásia Central e China**

Apesar da aparente pacífica relação entre nestorianos e muçulmanos no curso de sua história secular, a partir da virada do XIII para o XIV, houve uma ruptura em tais acordos. Veremos no próximo capítulo a importância dada aos monges nestorianos para realizar trabalhos diplomáticos em nome dos príncipes e khans do império mongol, mas, conquanto que Yahbh-Allaha (nome dado a Marcos ao se tornar Patriarca do Leste) tinha acesso direto aos príncipes do Ilkhanato<sup>50</sup> Persa, seus sucessores não detinham tais poderes.

O fim do apoio dos governantes do Ilkhanato, causado por guerras internas e difusões sobre questões religiosas, fez com que os nestorianos passassem de aliados diretos dos príncipes, como Arghum, a perseguidos por lideranças governamentais e por muçulmanos. Segundo Budge, novamente sem apresentar fontes, os nestorianos que restavam espalhados pelos territórios da Ásia central repetiram os passos de seus antepassados e tiveram de escolher entre se converterem a religião que estava em expansão (Islã) ou fugirem e se esconderem.

50 Uma das regiões dominada por Mongóis após o cisma criado por sucessores de Kublai.

Em 1392 Tamerlão, do Khanato de Chagatai, conquistou Bagdá onde ocorreram atrocidades aos cristãos remanescentes. Os que conseguiram escapar fugiram para as montanhas do Curdistão perto de Mosul, cidade histórica para os nestorianos. Com todas as incertezas de como seguir com seus dogmas e a falta de liderança central fez com que no século XVI, ocorresse uma disputa para decidir quem seria o novo Patriarca do Leste. Dos dois que recorreram ao Papa Júlio III, um foi nomeado o novo Patriarca, João Sulaka, em um acordo onde a doutrina não mais se chamaria nestorianismo e sim caldeus. O outro se autoproclamou patriarca do leste e então a população nestoriana que já era pequena, acabou por se dividir em duas.

Com tudo que ocorreu, os remanescentes nestorianos foram encolhendo a cada dia, tendo algumas tentativas fracassadas de se unirem novamente a igreja romana, por não abandonarem seus dogmas e crenças. Segundo Budge, a sua época (1928), a comunidade daqueles que se refugiaram nas montanhas ainda existia e era basicamente o último centro do nestorianismo clássico. Sua existência, em termos de documentação no entanto, não está relacionada a nada que o autor nos apresente. Novamente o mesmo faz de sua narrativa a verdade absoluta, sem apresentar contrapontos

## Capítulo 3 : A vida de Marcos (Yahbh-Allaha) e Sawma

“Pelo poder de nosso Senhor, Jesus Cristo, eu começo a escrever a história do Padre dos Padres, governador (Mara) e Líder dos Pastores, Mar Yahbh-Allaha, o Católico e Patriarca do Leste e de Rabban Sawma, Visitor-General dos Turcos a Leste (Nestorianos). O nosso Senhor, ajude-me e em sua misericórdia, traga-me até o fim [do trabalho]. Amém.” (BUDGE, 1928, pg. 39)<sup>51</sup>

A vida desses dois monges, para além de uma história incrível de viagens e desafios do século XIII na Ásia, é também um importante documento histórico para a compreensão da história do nestorianismo e análise das sociedades tomadas pelo domínio mongol no período. A vida deles nos é trazida por Budge graças a manuscritos encontrados em sírio, cujo autor infelizmente não conhecemos. Neste capítulo tentarei explicar um resumo de sua história fazendo relação entre os comentários de Budge e a tradução que ele nos apresenta.

### 3.1 Do nascimento ao monastério

A vida dos que viriam a ser monges Sawma e Marcos possui apenas um amontoado de informações, sendo dedicado um capítulo para cada no início de suas histórias. Sawma, o mais velho, não possui uma data de nascimento clara, tendo Budge estipulado que nascera entre 1220 e 1230, sendo filho de uma família rica que,

<sup>51</sup> Tradução livre de Budge, página 39: “By the Power of our Lord Jesus Christ I begin to write the History of the Father of Fathers, and Governor (Mara) and Head of Pastors, MAR YAHBH ALLAHA Catholicus and Patriarch of the East, and of RABBAN SAWMA, the Visitor-General of the Eastern (i.e. Nestorian) Turks. O our Lord, help me, and in Thy mercy bring me to the end [of the work]. Amen.”

de acordo com a tradução, teve de pedir ao Deus para que pudessem engravidar, visto que já estavam casados há tempos sem herdeiros homens.

O filho de Shibana e Keyamta nasceu em Khan Balig ou Khan Bahk, ou simplesmente Pequim moderna e recebeu educação desde cedo na escrita e na liturgia. Apesar de suas origens mais abastadas, optou pela vida simples e, mesmo prometido a uma mulher, abandonou a ideia de casamento e virou monge. Dividiu todas as suas posses, despediu-se da família e partiu para um mosteiro alocado em uma caverna em uma montanha onde pretendia passar o resto de seus dias.

Marcos era um pouco mais novo, tendo uma data confirmada para seu nascimento em 1245, era o quarto filho de um casal de nestorianos. Seu pai, Bayniel, trabalhava como arqui-diácono<sup>52</sup> e já nos seus primeiros anos dedicou-se aos estudos religiosos e optou pela vida monástica após viajar 15 dias para se encontrar com Sawma, que lhe recomendou que retornasse a seus pais, tentativa vã pois Marcos estava motivado a viver essa nova vida.

Sawma levou 3 anos para se “tornar um monge”, tendo recebido a incumbência e os mantos de Mar Nestorius, o “Metropolitano”. A partir desse momento até alguns anos no futuro, a vida dos dois estava entrelaçada pois os monges partiriam em uma jornada juntos que mudaria suas vidas e a história do nestorianismo no ocidente.

### **3.2 Dos desejos dos monges e da partida**

Um dia eles meditaram, dizendo, ‘Seria de extrema proveitosa para nós se nós saíssemos dessa região e rumássemos para o Oeste, pois poderíamos [visitar] as tumbas dos mártires sagrados e dos Padres Católicos e sermos abençoado [por eles]. E, se Cristo, Senhor do universo, prolongar nossas vidas e sustentar-nos com sua graça, nós poderíamos ir a Jerusalém, para que possamos receber o perdão

52 Posto abaixo do Bispo

completo pelas nossas ofensas e absolvição por nossos pecados (BUDGE, 1928, pg. 43) <sup>53</sup>

Como comentado anteriormente, parte da história do período que precede o descobrimento do documento no período próximo ao autor, é relatada por Bar Hebreu, um católico sírio que entrou em contato com a história da partida dos monges mas não de seus desdobramentos (pois faleceu antes que eles realizassem suas maiores conquistas). Algumas das informações que Budge utilizou para complementar as partes da tradução que estavam indecifráveis eram originárias de Bar Hebreu, que relatou o desejo de ambos de irem a Jerusalém para confessarem seus pecados, sendo Marcos o mais motivado a ir e convencendo Sawma a se juntar a ele.

Agora, apesar de Rabban Sawma ter se oposto a Rabban Marcos, e [tentou] assustar ele com o pesar da jornada e a fadiga da viagem, o terror dos trajetos e as tribulações que iriam cair sobre eles em países distantes, Rabban Marcos se propôs a ir para a estrada. Sua mente parece ter revelado a ele que haveriam tesouros para ele no Oeste e ele pressionou Rabban Sawma com suas palavras e o importunou para a partida. Os dois juntos, concordaram que não deveriam ser separados um do outro, mesmo se um deles fosse submetido ao que era mau por sua causa, eles se levantaram e distribuíram seus móveis e seus objetos usados no dia a dia entre os pobres e foram para aquela cidade (Pequim) para que encontrassem lá companheiros para sua jornada (Caravanas) e providenciassem comida para a viagem. (BUDGE, 1928, pg. 43) <sup>54</sup>

<sup>53</sup> Tradução livre de Budge, página 43: "One day they meditated, saying, .It would be exceedingly helpful to us if we were to leave this region and set out for the West, for we could then [visit] the tombs of the holy martyrs and Catholic Fathers and be blessed [by them]. And if Christ, the Lord of the Universe, prolonged our lives, and sustained us by His grace, we could go to Jerusalem, so that we might receive complete pardon for our offences, and absolution for our sins of foolishness. "

<sup>54</sup> Tradução de Budge, página 43: "Now although RABBAN SAWMA opposed RABBAN MARK, and [tried to] frighten him with the toil of the journey, and the fatigue of travelling, and the terror of the ways, and the tribulations that would beset him in a foreign country, RABBAN MARK burned to set out on the road. His mind seemed to reveal to him that there were treasures laid up for him in the West, and he pressed RABBAN SAWMA with his words, and importuned him to depart. And the two of them having agreed together that neither of them should be separated from his companion, even if one of them might have to submit to what was evil for his sake, they rose up and distributed their furniture, and the objects which they used in everyday life, among the poor, and they went to that city (i.e. Peking) so that they

Outros cristãos em Pequim tentaram persuadi-los a desistir da ideia, sem sucesso. Budge faz a suposição que eles levaram consigo cartas de “recomendação” das autoridades da igreja de Pequim para quando eles encontrassem outros líderes nestorianos pelo caminho. Além das autorizações por parte da igreja, entende-se que Kublai Khan também haveria de ter dado permissão para sua jornada, tendo em vista que eles a posteriori adentrariam regiões dominadas ou por seus subordinados ou utilizariam das rotas comerciais partindo de Pequim para seguirem seu rumo.

Seguiram viagem a princípio tranquila. tendo, porém, pouca noção das dificuldades que o caminho reservava. Pelo menos é essa a noção que Budge tenta nos passar. Foram instruídos por homens do imperador a não prosseguirem sem cavalos, dinheiro ou mantimentos necessários para atravessar os desertos e montanhas a frente. Chegaram a Tanguut,(chamada pelos chineses de Hia), atual Tibete.

Budge em seus comentários na introdução tenta escrever uma realidade onde a comunidade nestoriana era numerosa, gentil e acolhedora para com os monges. Segundo ele, os monges passaram por diversas vezes por outros cristãos nestorianos que sempre os presenteavam e comemoravam sua chegada. Alguns os incentivavam a continuar seu trajeto, outros recomendavam não sair dos domínios mongóis e, enquanto a primeira parte da viagem foi de certa forma tranquila, ao chegarem ao reino de Khotan (porção noroeste da atual China, região com o nome de Xingjiang) se depararam enfim com a guerra entre Kublai Khan e seus inimigos, tendo que passar 6 meses no local, a espera de uma segurança maior e do desbloqueio das estradas. Esgueirando-se dos “ladrões e cortadores de gargantas” (Idem, p 18), os monges recomeçaram sua viagem, tendo passado pela cidade de Kashkar.

Uma particularidade do autor que chama a atenção são as frequentes referências a Marco Polo como ponto de referência. “Os monges passaram por aquela cidade em que Marco Polo descreveu em suas excelentes narrativas de viagem”. Budge usa deste artifício para legitimar algumas das suas traduções e desenhar o

might take companions for the journey [i.e. join a caravan] and provide themselves with food for the way. “

mapa dos trajetos dos monges. Ao acompanhar a tradução e a história resumida por ele, são inúmeras as citações a Marco Polo para identificar as cidades que estavam sendo endereçadas na tradução do sírio.<sup>55</sup>

A medida em que passaram dos limites do controle de Kublai Khan, precisaram da autorização de circulação de outro monarca, o Rei Kaido que fizera de si mesmo rei do Turquistão, em conflito direto com Kublai. Se eles conseguiram tal autorização é incerto, mas Budge faz referência que suas dificuldades foram tão grandes de chegar a próxima parada que não faria sentido presumir que os monges conseguiram a autorização e garantias por parte do Rei.

Autor descreve como certas regiões pelas quais eles passaram mudaram com as décadas de domínio Mongol, algumas para melhor, outras para pior. Algumas cidades tinham um “histórico” de serem bem habitadas, com riquezas e comércio pujantes que acabaram assoladas pelas guerras entre pretendentes ao poder do império. Outras o autor relata como se o domínio mongol fosse “bom para os negócios”, com a ideia de que o manutenção das estradas e das rotas comerciais por parte do Khan garantisse salvo conduto para todos os comerciantes (de todas as religiões) que respeitassem as regras.

Duas coisas parecem presentes em cada ponto que os monges passaram até esse momento nessa narrativa: as estradas e os religiosos pelo caminho. A cada posto avançado em seu caminho para Bagdá, com dificuldades ou não, sempre haveria algum bispo, monge ou mosteiro com braços e portas abertas para lhes recepcionar e ajudar. De novo, tal percepção é a que Budge tenta nos passar, não necessariamente o que realmente acontecia.

Um dos objetivos dos monges em sua viagem em Bagdá, segundo o tradutor, era de se por sob a proteção de um católico, Mar Denha, quem eles descobriram estar

55 Ferrari debate sobre as concepções e valorações dadas a relatos de viagem na idade média na sua dissertação *Sob obediência, relato o que vi com meus próprios olhos: viagem, discurso e representações em Odorico de Pordenone (1330)*. Ao tomarmos os relatos de viagem como fontes, é necessário ter o cuidado para não tornar-lhos como documentos imaculáveis, incapazes de receber críticas ou contrapontos. Histórias como a de Marco Polo por exemplo, devem ser analisadas sob uma ótica de serem peças históricas, mas não imbuídas de plena precisão geográfica, histórica ou factual.

na mesma cidade que eles em Maraghah (na província de Pérsia/atual Irã). Uma conclusão a que se chegaria lendo Budge (e sem fazer uma análise crítica) é pensar que os dois monges eram extremamente simpáticos, pois sempre conseguiam algum tipo de liberação ou recomendação dos mais variados grupos para que pudessem seguir viagem. De Mar Denha eles obtiveram uma carta de que os liberaria a adentrar qualquer comunidade Nestoriana que encontrassem em seu caminho, incluindo na cidade de Bagdá que fora seu próximo destino.

Visitaram a tumba de Ezequiel, assim como conheceram a cidade e a região com muita liberdade. Seguiram para Arbil e Mosul, no atual Iraque, onde encontraram um bom número de congregações de Nestorianos e muitas igrejas. Budge relata muito brevemente uma sequência de cidades que visitaram, assim como monastérios e túmulos que prestaram homenagens e rezaram, incluindo a de Mar Awgin, um santo egípcio a quem Budge descreveu como “segundo Cristo” pela quantidade de discípulos que acumulou

“Será notado que, em todas as cidades visitadas por Sawma e Marcos, existiam centros comerciais, onde mercadores bem-sucedidos se reuniam por motivos de negócios; e nós podemos assumir que muitos desses mercadores eram Nestorianos, e que nossos viajantes receberiam ajuda deles.” (BUDGE, 1928, pg. 20) <sup>56</sup>

A receptividade de alguns desses simpatizantes que eles encontraram na região foi tanta, que pela primeira vez desde sua partida de Pequim, os monges resolveram permanecer algum tempo em uma mesma cidade, de maneira que não fosse contra sua vontade. Mas, se o acolhimento de uns servia a propósitos altruístas, ocorreu algo que poderia ser considerado uma “chantagem religiosa” dentro da congregação nestoriana da região.

Ainda que os monges estivessem bem em isolamento em um monastério, o homem que viria a ser patriarca da região, Mar Denha, ao insinuar que os monges estavam sendo egoístas em não contribuir com a comunidade de Bagdá, os enviou

<sup>56</sup> Tradução de Budge, página 20: “It will be noted that all the towns visited by Sawma and Mark were trading centres, where well-to-do merchants congregated for business purposes; and we may assume that many of the merchants would be Nestorians, and that our travellers would receive help from them.”

em uma missão que defendia seus próprios interesses. Por não somente serem fluentes e letrados tanto em chinês quanto persa, os monges eram simbolicamente enviados de Kublai Khan em pessoa ao oeste. Com isso, Denha os encaminhou a uma missão diplomática com o Rei Abaka (filho de Hulago, irmão de Kublai), para que o mesmo enviasse um mando confirmando-o como Patriarca do Leste.

Os monges aceitaram na condição de que fossem acompanhados por um homem que pudesse retornar com a resposta para Denha, visto que eles seguiriam viagem rumo a Jerusalém. Aqui, no entanto, a viagem teve uma mudança de rota importante devido ao contexto da região em que os monges atravessariam. Devido a incertezas quanto a segurança de se atravessar a região ao norte da Síria, os monges optaram por viajar do atual Iraque para o norte da Síria (para além dos limites sírios), passando pela Armênia e Geórgia, na intenção de adentrar Jerusalém pelo Mediterrâneo. Apesar de encontrarem simpatizantes pelo caminho, os monges sentiram-se ameaçados pelas histórias de roubos e assassinatos nas estradas da região e retornaram a Bagdá mais uma vez, para tentar traçar um novo plano e uma nova rota em sua missão.

Como uma espécie de compensação, ao retornar para Bagdá, agora tendo Mar Denha como patriarca, graças a intervenção deles, Marcos seria nomeado bispo e Sawma “Visitador-Geral” (uma espécie de fiscal de igrejas e monastérios), encarregados a retornar a China e ajudarem a administrar a igreja nestoriana local. Marcos além do título receberia agora um novo nome que seria escolhido por intervenção divina (ou pura sorte) dentre uma porção de nomes anotados em papéis. Yahbh-Allaha seria seu novo nome que viria junto com o cargo de bispo e “metropolitano” de Kathay e Wang, duas regiões ao norte da China em 1280. Sawma por sua vez receberia adendos ao seu nome com o novo cargo e passaria agora a ser chamado de Rabban Bar Sawma. Sua idade a época deveria ser de 35 anos e 45 ou 50 anos respectivamente.

Se sua missão era de voltar a China, a realidade os colocou de frente com o mesmo problema que enfrentaram ao tentar ir a Jerusalém: insegurança graças a guerra no caminho. Portanto escolheram passar dois anos em um monastério perto

de Mosul por onde já haviam ficado. Ao tempo em que esperavam por uma oportunidade de voltar a estrada, Mar Denha, que havia lhes dado títulos e os elevados nos postos da igreja adoeceu e, em uma decisão rápida após sua morte, um conselho de nobres e bispos optou por eleger Yahbh-Allaha o novo Patriarca do Leste. A escolha pelo mesmo se dá para motivos além dos religiosos. Se antes Mar Denha havia utilizado a influência dos monges com o grande Khan, agora a elevação do mesmo ao posto de patriarca serviria como um elo entre a igreja e o centro do império.

Suas posições, mesmo que fossem atribuídas a eles contra sua vontade, fizeram dos monges simples dois expoentes nas relações diplomáticas e religiosas. Sua ligação com Kublai e sua ascensão ao posto de Patriarca ajudaram a influenciar Abaka a se tornar um cristão católico, segundo o texto. A relação criada entre Abaka e Yahbh-Allaha fizera com que o recém-nomeado patriarca não só recebe presentes como uma *Paiza*<sup>57</sup>, como também se tornasse responsável pelo controle da cobrança de impostos em Bagdá, deixando-o inclusive aumentá-los. Abaka faleceu em 1282 e foi sucedido pelo seu irmão Ahmed<sup>58</sup> (ou Teguder, trocou de nome ao se converter ao Islã) que governou entre 1282 e 1284 quando faleceu e fora substituído por Arghum, filho de Abaka com quem Yahbh-Allaha possuía boas relações.

Quando Arghum sucedeu ao trono, os Nestorianos regojizaram-se de alegria, pois ele amava os Cristãos e era um amigo próximo do Patriarca. (BUDGE, 1928, pg. 22) <sup>59</sup>

Segundo Budge, Arghum era “apaixonado pelos cristãos” e possuía o interesse de fazer com que Jerusalém saísse dos domínios muçulmanos e para isso buscou alguém que fizesse a ligação entre o Ilcanato Mongol e os reis do ocidente. Para isso precisou enviar um emissário que pudesse entrar em contato com os monarcas de Bizâncio, Itália, França e Inglaterra, sem falar do Papa, e para isso recorreu a Yahbh-Allaha que possuía o nome perfeito para a missão: Rabban Bar Sawma. Aqui ocorre

57 Segundo o autor uma espécie de tábua feita a ouro, dada apenas a membros da família real que prestaram serviços importantes para os reis mongóis. Tal inscrição garantia livre passagem para seu portador.

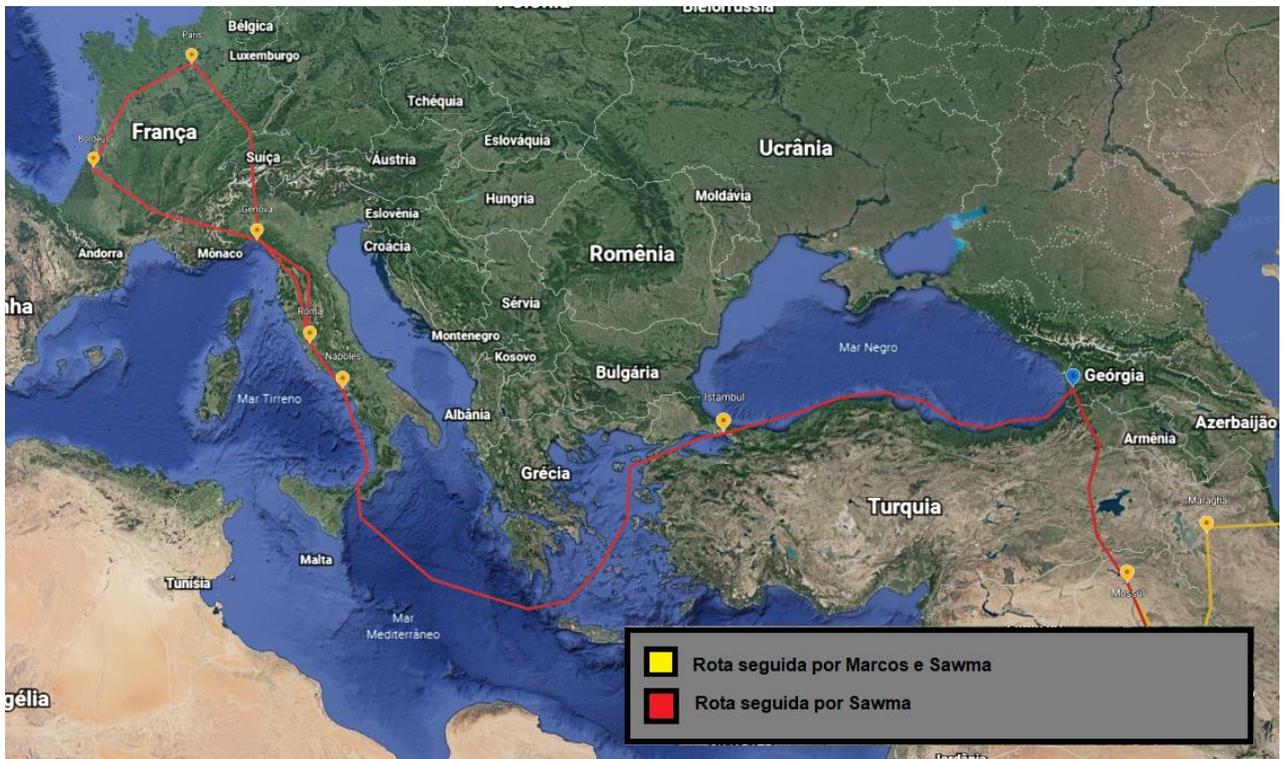
58 Aparentemente um nascido Nestoriano e convertido ao Islã em um momento posterior.

59 Tradução livre de Budge, página 22: “When Arghum succeeded to the throne the Nestorians rejoiced greatly, for he loved them Christians, and was a close friend of the Patriarch. “

a divisão da história dos dois monges pela primeira vez, enquanto ir permaneceria como patriarca em Bagdá, Sawma seria o novo emissário do leste para a Europa.



**Rota do trajeto Pequim-Bagdá criada com base em alguns dos pontos reconhecíveis que os monges dizem ter passado. Estipulei que a rota deveria seguir um certo contorno onde eles não iriam atravessar grandes altitudes montanhosas e nem pelo meio do deserto inóspito.**



**Rota de Rabbam Sawma em sua missão pela Europa**

### 3.3 As viagens de Rabbam Bar Sawma

Partindo junto de alguns outros monges e representantes da igreja, Sawma partiu levando consigo presentes para os reis assim como as cartas e mensagens de Arghum convocando os cristãos do Oeste a se juntarem a empreitada de libertar Jerusalém.

Sua primeira parada em Constantinopla teve a presença do Andrónico II, recém-empossado imperador bizantino, que lhe mostrou a cidade, levou a templos e igrejas e mostrou tumbas de santos e “relíquias santas”. Se o imperador ajudaria com o pedido de Arghum é incerto, mas ajudou Sawma a seguir viagem com presentes e ouro e prata.

Seguiu viagem rumo a Europa através do mediterrâneo, onde sua primeira parada fora em Nápoles, local onde encontrou o rei Carlo Martel, que estava no

momento em guerra com Jaime II de Aragão. Presenciou essa guerra em andamento e pode visualizar a derrota de Martel antes de seguir viagem para Roma. Pouco antes de chegar lá, onde pretendia se encontrar com o Papa Honório IV, Sawma descobre que o mesmo acabara de falecer e, ao chegar a cidade de Roma, acabou por se deparar com um conselho de cardeais com quem conversaria depois de alguns dias de espera na cidade.

Aqui existe um momento importante que o tradutor deixa de comentar, mas faz referência para que se veja a tradução, dos diálogos entre Sawma e os cardeais sobre a questão das crenças dos nestorianos e as práticas da igreja longe do controle de Roma. Não haveria uma resposta a questão de ajuda ao rei Arghum antes da escolha de um novo papa, portanto naquele momento de nada poderiam ajudar os cardeais a não ser dar liberdade para que Sawma pudesse conhecer a cidade e seus templos e igrejas.

Rumou a Paris para ter com o rei Filipe IV de França a mesma conversa que teve com Andrónico II sobre apoio a empreitada em Jerusalém, dessa vez (e pela primeira vez) bem-sucedida. Sawma e seu grupo receberam a promessa de ajuda com os infiéis, assim como presentes para a viagem que foram dados para que pudessem seguir viagem. O momento que partiriam, no entanto, ficou a escolha de Sawma e sua comitiva, que optaram retomar seu caminho de volta após o período de 1 mês em Paris. Durante esse período conheceram a cidade, a igreja de St. Denis, a Sainte Chapelle e também acompanharam as instituições de ensino de Paris, a época com 30 mil estudantes.

Para completar a viagem, encontrou com o rei Eduardo I em Bordeaux, em 1288, que partilhou das ideias de Arghum de combate aos muçulmanos, não ficando claro, no entanto, se comprometer-se-ia a ajudar na causa de Jerusalém. Dando-lhe dinheiro para seguir, Eduardo desejou-lhe boa sorte e Sawma retornou para a Itália, mais precisamente em Gênova onde passou o inverno.

Tendo encontrado na cidade um cardeal que vinha da “Alemanha” rumo a Roma, Sawma declarou seu descontentamento por ainda não ter recebido uma notícia por parte dos cardeais que lhe prometeram uma resposta assim que tivessem eleito

um novo papa. Tendo depois sido informado de que deveria ir a Roma para ter com o papa tal discussão Sawma e seu grupo partiram e foram recebidos pelo recém-eleito Nicolau IV, por quem foram recebidos com “grande honra”. Tendo participado de ritos e comunhões com os membros da igreja nestoriana, os católicos impressionaram-se com o fato de que, mesmo que usando uma língua a eles pouco conhecida, os ritos e tradições dos nestorianos muito se assemelhavam aos deles.

Tendo sido convidado para permanecer em Roma, Sawma aceitou passar algumas semanas até o festival da páscoa, com a promessa de que deveria retornar para ajudar seus irmãos na igreja do leste ele seguiu de volta seu caminho com muitos presentes dados pelo Papa, incluindo relíquias que Sawma – parece ser a primeira vez que o antigo monge exige/pede por algo – acreditou ser do próprio Cristo e de sua mãe, além dos títulos de oficialização para que Mar Yahbh-Allaha fosse nomeado Patriarca do Leste e Sawma se confirmasse como “Visitor-General”.

Tendo retornado ao Oriente com a missão bem-sucedida, Rabban Sawma fora prestigiado como uma espécie de “padre real”, tendo a autorização para construir sua igreja<sup>60</sup> ao lado da tenda do rei Arghun, a quem sempre acompanhou até sua morte em 1291 quando seu sucessor Kaikhato assumiu no seu lugar. O estilo de vida mongol foi pesado para ele, que em alguns anos pediu autorização a Kaikhato para que pudesse deixar o acampamento e montar uma igreja em Maragha que foi concluída em 1293. Poucos antes de morrer, ele retornou a Bagdá para ajudar seu amigo e Patriarca Mar Yahbh-Allaha, onde passou um ano, vindo a falecer em 1294.

### **3.4 O Patriarcado de Mar Yahbh-Allaha**

Das ações de Mar Yahbh-Allaha como Patriarca sabemos pouco. A construção de mosteiros e igrejas foram algumas de suas realizações, mas o contexto geral de

60 Não a convencional que conhecemos, mas uma tenda grande onde guardaria suas relíquias e realizaria os ritos e orações. Budge deixa para o final de sua introdução para nos dar esse parâmetro das igrejas e templos durante o domínio mongol.

sua história roda em torno de acontecimentos que iam além de seu controle. Como visto anteriormente, a vida dos cristãos na Ásia Central, sejam do fiéis, membros do baixo clero ou altos sacerdotes, eram influenciados pelo contexto dos líderes das dinastias mongóis e a relação desses com a religião.

Se Abaka havia tornado Yahbh-Allaha patriarca em 1281, Ahmad, seu sucessor, o reprimiria e tentaria depô-lo. Graças a suas crenças no Islã e por ser influenciado por conspiradores para fazer o rei Ahmad acreditar que Yahbh-Allaha maquinaria para influenciar a tomada de poder em favor de seu sobrinho, Arghun. Yahbh-Allaha e Sawma, que a essa época ainda contava com a presença um do outro, foram postos na prisão por ordens de Ahmad, que teve de recuar quando a sua mãe (uma cristã) e o próprio Khan intervieram. A relação entre o Ilcanato e o Khan ainda era de subordinação em certo aspecto, tanto que o próprio khan ameaçou intervir para que os nestorianos fossem soltos. Sua prisão fora revogada, mas a relação dos antigos monges com Ahmad nunca foi positiva e foi só com a sua morte em 1284 que as coisas tomaram um rumo mais pacífico.

A sucessão de Ahmad foi parar nas mãos de Arghun, um sobrinho seu de quem já falamos, mas que tinha apreço pelos cristãos e com quem iria produzir boas relações. A separação dos grandes companheiros Yahbh-Allaha e Bar Sawma teria consequências impactantes para eles, afinal o segundo seria um emissário do próprio rei para uma missão na Europa com reis e o papa, da qual já nos debruçamos.

Se a década de 80 do século XIII foi um período de confiança mútua entre os reis do Ilcanato e os nestorianos, a década seguinte seria marcada por uma perseguição que não teria mais fim. Arghun, que dera aos cristãos a honra de serem seus emissários, teria criado rixas com os muçulmanos que claro, também tinha relação com suas intenções de tomar Jerusalém e essa rixa seria trazida à tona nos anos seguintes. O começo da década de 1290 fora marcado por dois acontecimentos: a morte de Arghum em 1291 e a tomada de Acre pelos mamelucos em detrimento dos Cruzados.

Budge afirma que o herdeiro do trono de Arghum, Kaikhato que, conquanto que não era um aliado tão próximo de Yahbh-Allaha quanto Arghum, possuía para com os

cristãos um carinho a ponto de lhe dar muitos presentes e riquezas dedicados a igreja. Notar que tal carinho é uma conclusão que Budge chegou com base na sua tradução, não tendo nenhum documento (além do texto original) que descrevia a relação entre Yahbh-Allaha e Arghum. Foi Kaikhato também que autorizou Sawma a construir sua tenda-igreja ao lado do acampamento do Il-Khan. Distribuía coroas, vestimentas caríssimas e dinheiro diretamente para a construção de mosteiros e igrejas e, em retribuição, Yahbh-Allaha servia como seu honrado conselheiro e fora agraciado com mais uma paiza. Essa paiza por sua vez era ainda mais especial que a anterior recebida de Arghum, pois se tratava de uma paiza de ouro com símbolos de Falcão, dada apenas aos mais altos postos de “baronato” dos Khans.

Marco Polo diz que as tábuas com Falcões eram apenas dadas aos maiores barões do Khan, e conferiam seu próprio poder e autoridade. Então, se um, com uma dessas, deseja enviar um mensageiro a qualquer lugar e, mesmo sendo um rei, ele pode tomar os cavalos de qualquer homem e outros bens a seu prazer. (BUDGE, 1928, pg. 25)

61

Todos esses gastos vinham com um custo para o reino e para a imagem de Yahbh-Allaha. O rei era visto como um distribuidor de riquezas, a passo que dava presentes em tempos de paz, mas entregou para seu sucessor um tesouro vazio. Ao mesmo tempo, Yahbh-Allaha teria recebido enormes riquezas que usou para perpetuar o nestorianismo como a religião aliada do reino, construindo novas igrejas e monastérios. Dinheiro esse que faria muita falta pouco tempo depois, afinal a era da paz duraria pouco e uma guerra civil seria instaurada entre Kaikhato e seu sobrinho Baidu<sup>62</sup>.

O resultado da guerra seria, de um lado, favorável ao novo concorrente, Baidu, que durou apenas 4 meses no posto de rei e desfavorável, ao outro, o restante do reino que viu nessa briga o surgimento de insurreições árabes que se tornariam uma

61 Tradução livre de Budge, página 25: "Marco Polo says a tablet with gerfalcons on it was only given to the very greatest of the Khan's barons, and it confers on them his own full power and authority. So that if one of these chiefs wishes to send a messenger anywhere, he can seize the horses of any man, be he even a king, and any other chattels at his pleasure"

62 Budge chama essa de uma guerra causada por uma briga dos dois enquanto bêbados.

constante. E, se antes os cristãos tinham o apoio dos reis e dos khans e de seus familiares próximos<sup>63</sup>, esse próximo período seria uma espécie de cobrança de contas por parte dos muçulmanos por todas as regalias dadas aos cristãos nas últimas décadas. O vácuo de poder tornou a vida de Yahbh-Allaha e de seus seguidores um tormento constante, sendo perseguidos, torturados e roubados frequentemente.

Segundo Budge em sua tradução, por diversas vezes o patriarca e seus bispos foram alvos de abusivas cobranças de impostos para não serem mortos, isso sem contar as ameaças a destruição de suas igrejas e mosteiros. A situação piorou quando em 1295, Kazan, filho de Arghum, assumiu o trono e pouca ou nenhuma proteção deu aos cristãos. As demandas por parte dos muçulmanos cresciam e, por vezes, Yahbh-Allaha foi salvo da morte pela intervenção de algum cidadão mais rico ou da arrecadação comunitária para pagar as altas taxas exigidas, obrigando-os a deixarem seus postos em Maragha repetidas vezes.

Hathom, o rei da Armênia, foi um dos que mais tentou salvar os nestorianos, chegando ao ponto de pagar para libertar Yahbh-Allaha das mãos dos captores islâmicos e o abrigando. Budge no entanto nos relata a vida de Yahbh-Allaha como a essência de todo o restante do nestorianismo, traduzindo aquilo que aconteceu com ele como a própria personificação da religião. Escondendo-o como parte da sua comitiva, vestindo roupas de servente, Hathom levou Yahbh-Allaha até onde estava Kazan para que tentasse apelar a sua comoção e poupasse os cristãos.

“Após alguns dias, o Rei Takpur (Hathom) em pessoa foi a Tabhriz e Mar Católico ( Yahbh-Allaha) trocou toda a sua aparência e foi junto disfarçado de servente e acompanhou Takpur até a cidade de Tabriz, onde o Rei Kazan chegara.” (BUDGE, 1928, pg. 67) <sup>64</sup>

O apelo de Yahbh-Allaha não foi bem-sucedido à época. O do rei da Armênia, no entanto, foi. Tendo feito acordos com Kazan para que os nestorianos não fossem mais

<sup>63</sup> Ver Dokuz Khatun, a esposa do fundador do Ilcanato, Hulagu Khan, que é descrita por Budge como uma fervorosa antimuçulmana.

<sup>64</sup> Tradução livre Budge, página 67: “After a few days, King TAKPUR himself went to TABHRIZ, and Mar Catholicus changed all his apparel, and went forth by himself in the guise of one of the servants, and he accompanied TAKPUR as far as the city of Tabhriz, where King KAZAN had arrived.”

perturbados de maneira tão acintosa, Hathom conseguiu com o rei Kazan a paz temporária para os cristãos, que durou até o fim do seu reino em 1304, quando Uljaito assumiu.

Yahbh-Allaha se alegrou quando soube que era Uljaito quem assumiria, pois considerava ter boa relação com ele, sendo conhecidos e amigos de longa data e Yahbh-Allaha tendo batizado o novo ilkhan. A situação não seria tão fácil, pois Uljaito havia se convertido ao Islã e mesmo que tivesse certo apreço por Yahbh-Allaha e lhe desse presentes e visitasse seu monastério, ainda aumentaria os impostos sobre os cristãos em 1306. Por volta de 1308 o rei encarregou Nasir de resolver questões de desvio de dinheiro que era destinado para soldados e, uma vez com o controle da região nas mãos, Nasir conspirou com outros muçulmanos a atacarem os nestorianos e forçarem a sua fuga.

O resultado de tal investida foi violento e resultou nos homens foram mortos ou escravizados e as mulheres foram tomadas pelos vencedores conspiracionistas. O Patriarca de alguma maneira conseguiu escapar com vida e foi tentar novamente pedir apelo a Uljato que nada fez por ele. Sendo abrigado por antigos amigos da igreja, incluindo a filha do antigo Rei Ahmad, e encontrou em Trabiz aliados dispostos a lhe abrigar e que lhe dariam a disposição um mosteiro onde Yahbh-Allaha viveu por mais 5 anos, falecendo em 1317.

## Conclusão

Ótimas histórias, às vezes, estão escondidas em detalhes. As vidas e histórias de Marcos e Sawma são exemplos disso. É possível supor que a motivação que me levou a buscar mais sobre esses monges seja próxima que levou Budge a realizar a tradução da obra que trata de suas vidas. Mas é possível supor também que Budge tenha sido atraído pelo ineditismo da história e como ela reverberaria entre seus iguais na academia.

Como vimos, as mudanças, por assim dizer, do orientalismo europeu, seguiram preceitos gerais elaborados principalmente por de Sacy e seus alunos. Sua formação como aluno e depois professor, fez dele um expoente para os estudos do oriente na França e em países vizinhos e padronizou, de certo modo, os caminhos traçados pelos estudiosos dali para frente. O trato metódico as traduções de textos em línguas pouco ortodoxas para o europeu, dava aos textos uma característica de exótica ou desconectada de sua realidade e um contexto.

Muitas produções da época envolviam a confecção de peças que traduziam as palavras presentes nos textos, mas não traziam uma tradução de outras realidades além da europeia. Como diz Said, cada orientalista “criava o seu próprio oriente” (SAID, 1978, pg. 186), com seus vícios e pré-conceitos já estabelecidos. As palavras pré-conceitos, escritas separadamente, servem o propósito de realçar um ponto importante para se entender algumas obras desses orientalistas: eles escreviam aquilo que acreditavam se tratar do oriente, mesmo que nunca tenham pisado em algum lugar além da academia.

Como vimos, havia uma certa competição que ocorria entre os países no contexto da expansão colonial e posteriormente na expansão imperialista. Parte dessa competitividade era refletida nos estudiosos. O primeiro exemplo de um estudo sobre o “exótico” trazido nesse trabalho, reflete a busca por histórias que seriam inéditas por não focarem em objetos e realidades europeias. As expedições dos pesquisadores, biólogos e geógrafos ao Novo Mundo, a fim de mapear e catalogar a região e sua

flora, são reflexos das intenções dos acadêmicos e da população à época. Os acadêmicos buscavam em grande parte fama e glórias e a população, no fim, se interessava pelos relatos dessas viagens mais do que o conteúdo das pesquisas.

Os três orientalismos (acadêmico, artístico e histórico), descritos por Said, podem ser encontrados nos mais diversos autores espalhados entre os séculos XVIII e XX. O debate sobre esses autores do passado ficou, neste trabalho em específico, reservado entre os autores Edward Said, Robert Irwin e complementado pela visão de Naiara Assunção. Os três tratam da análise dos orientalistas passados que se dividiam entre tradutores, pesquisadores, arqueólogos e, talvez um dos mais importantes para nós, viajantes e seus relatos.

Se foram os relatos de viagem no livro organizado pelo professor Rivair que me levaram a esse tema, eles também recebem um local especial para compreender o interesse pelo Oriente nos séculos passados. Histórias como a de Marco Polo ou Ibn Battuta servem até hoje como importantes relatos que servem como documentos históricos e como histórias cativantes para o leitor leigo.

Suas produções na origem podem conter os mais diversos motivos, sejam religiosos, relatos de mercadores, “heróis” aventureiros ou estudiosos dedicados. Os relatos de viagem ajudaram a produzir algumas imagens do mundo exterior ao europeu para dentro da Europa, sejam por meio de mitos e lendas ou relatos apurados e precisos. O mesmo poderia acontecer do “outro lado”, como vemos no caso de Marcos e Sawma.

Os monges chineses percorreram o caminho contrário ao tradicional das histórias mais conhecidas a nós (ocidentais), mas, só chegaram às nossas mãos hoje, graças ao trabalho de um europeu. As reflexões que fazemos hoje podem tornar certos historiadores e estudiosos “vilões” por suas obras. É inegável que homens ditos estudiosos, como Budge, que escreveram teorias de superioridade racial ou origem de povos inferiores com base em preceitos “acadêmicos”, mas é importante enaltecer também aqueles que dedicaram sua vida a serem os orientalistas acadêmicos, defendidos por Said e outros.

Muitos autores já se debruçaram sobre o tratamento que escritores/historiadores davam ao oriente sem pensar nas consequências. Como vimos, o próprio Budge, um “orientalista de carteirinha”, mesmo tendo viajado para países africanos e asiáticos para realizar suas pesquisas, ainda tinha certas visões generalistas sobre pessoas e povos não ocidentais. Sua obra, no entanto, é de uma contribuição imensa sobre a história do nestorianismo e sobre o contexto político do fragmentado império mongol do século XIII.

Sua tradução e publicação está no contexto de uma Europa que tentava cicatrizar suas feridas da Primeira Guerra, após um século de disputas intelectuais e diplomáticas não armadas. Este contexto, porém, não fez com que Budge mudasse seus focos de interesse, seguindo uma linha já estabelecida de antes da guerra em estudos sobre o Oriente – próximo ou distante.

## Referências bibliográficas:

ASSUNÇÃO, Naiara M. R. Gomes, ***Entre Ghawazee, Awalim e Khawals: Viajantes inglesas da Era Vitoriana e a “Dança do Ventre”***. Porto Alegre: UFRGS, 2018

BUDGE, E. A. Wallis, ***The Monks of Kublai Khan***, (London: Religious Tract Society, 1928).

CUNHA, Vitor Borges. **A Religiosidade Etíope à Luz da Crônica Informaçam das Terras do Preste Joam (Século XVI)**. Porto Alegre: UFRGS, 2018. Dissertação disponível em:

[https://sabi.ufrgs.br/F/51FKH6H31CYPST16HC4LUPFKNJ4NBYYVXDRYHKJFSH4TXLHS4L-38803?func=full-set-set&set\\_number=006721&set\\_entry=000002&format=999](https://sabi.ufrgs.br/F/51FKH6H31CYPST16HC4LUPFKNJ4NBYYVXDRYHKJFSH4TXLHS4L-38803?func=full-set-set&set_number=006721&set_entry=000002&format=999)

FEBVRE, Lucien. **A Europa: Gênese de uma civilização**. Bauru: Edusc, 2004. O Ocidente deixa de se sentir inferior ao Oriente

FERRARI, Fernando Ponzi. **Nós somos Legião: a imagem latina dos habitantes do Extremo Oriente e da África dos séculos finais da Idade Média (XIII-XV)**.

UFRGS, 2019. Tese de doutorado disponível em:

<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/200705>

FERRARI, Fernando Ponzi. **Sob obediência, relato o que vi com meus próprios olhos : viagem, discurso e representações em Odorico de Pordenone (1330)**.

Porto Alegre: UFRGS, 2008. Monografia disponível em:

[https://sabi.ufrgs.br/F/51FKH6H31CYPST16HC4LUPFKNJ4NBYYVXDRYHKJFSH4TXLHS4L-40113?func=full-set-set&set\\_number=006734&set\\_entry=000006&format=999](https://sabi.ufrgs.br/F/51FKH6H31CYPST16HC4LUPFKNJ4NBYYVXDRYHKJFSH4TXLHS4L-40113?func=full-set-set&set_number=006734&set_entry=000006&format=999)

HOBBSAWM, Eric J. **A Era das Revoluções**. São Paulo: Paz e Terra, 2019

IRWIN, Robert, **Pelo Amor ao Saber, Os Orientalistas e seus inimigos**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2008

KLEINE, M. (Org.); MENEZES, R. F. (Org.); CAMPOS, R. DE C. B. (Org.); Bueno, André (Org.); Palazzo, C. L. (Org.); Bergonci, A. P. A. (Org.); Simões, S. S. (Org.); Lemos, A. P. (Org.); Carlucci, F. (Org.); Cichelero, P. I. (Org.); Balbinot, C. L. (Org.);

- Baseggio, C. A.. (Org.); MACEDO, José Rivair (Org.). **Os viajantes medievais da Rota da Seda**. 1. ed. Porto Alegre: EDUFRGS, 2011.
- MASSI, Giuliano Martins, **Cristianismo na Índia: os cristãos de São Tomé, sua constituição, suas tradições e suas práticas religiosas**. Juiz de Fora: UFJF, 2016
- MACEDO, José Rivair. **Intelectuais africanos e estudos pós-coloniais: considerações sobre Paulin Hountondji, Valentin Mudimbe e Achille Mbembe**. OPSIS, v. 16, p. 280-298, 2016.
- PRATT, Mary Louise. **Imperial Eyes: Travel Writing and Transculturation**. Londres: Routledge, 1992
- SAID, Edward. **O Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente**. São Paulo: Companhia das letras, 2007.
- SAID, Edward, **Cultura e Imperialismo**. São Paulo: Companhia das letras, 2011
- SANTOS PEREZ, Jose Manuel. **Historias Conectadas: Ensaios sobre Historia Global**. Rio de Janeiro: Editora autografia, 2017.